

Experiências Intergeracionais na Amazônia



**Núbia Pereira Brito Oliveira
Neila Barbosa Osório**

NUBIA PEREIRA BRITO OLIVEIRA
NEILA BARBOSA OSÓRIO

EXPERIÊNCIAS INTERGERACIONAIS NA AMAZÔNIA

1a Edição
PALMAS
2024

Universidade Federal do Tocantins

Editora da Universidade Federal do Tocantins - EDUFT

Reitor

Luis Eduardo Bovolato

Vice-reitora

Marcelo Leineker Costa

Pró-Reitor de Administração e Finanças (PROAD)

Carlos Alberto Moreira de Araújo

Pró-Reitor de Avaliação e Planejamento (PROAP)

Eduardo Andrea Lemus Erasmo

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis (PROEST)

Kherley Caxias Batista Barbosa

Pró-Reitora de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários (PROEX)

Maria Santana Ferreira dos Santos

Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas (PROGEDEP)

Michelle Matilde Semiguem Lima Trombini
Duarte

Pró-Reitor de Graduação (PROGRAD)

Eduardo José Cezari

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESQ)

Karylleila dos Santos Andrade

Pró-Reitor de Tecnologia e Comunicação (PROTIC)

Werley Teixeira Reinaldo

Conselho Editorial

Presidente

Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Membros do Conselho por Área

Ciências Biológicas e da Saúde
Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Ciências Humanas, Letras e Artes
Fernando José Ludwig

Ciências Sociais Aplicadas
Ingrid Pereira de Assis

Interdisciplinar
Wilson Rogério dos Santos

Diagramação: Renato Ferreira Brito

Arte de capa: Ruhena Kelber Abrão

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

FICHA CATALOGRÁFICA

O aumento da população idosa é um fenômeno global que se intensifica no Brasil, como apontado pelos dados mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O trabalho que envolve o livro Educação Intergeracional na Amazônia evidencia que é possível desenvolver políticas e práticas que valorizem essa crescente parcela da população. Na região Norte, especificamente no estado do Tocantins, esse fenômeno ganha contornos particulares, dada a relevância ecológica, cultural e social do território e ações como a Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins. Aqui, as interações entre gerações revelam-se ricas e significativas, desafiando-nos a compreender como a educação intergeracional pode se manifestar e se fortalecer.

O tema das relações intergeracionais que acontecem nas brincadeiras e interações, tem se mostrado um campo fértil de investigação e prática educativa. São nessas relações que encontramos oportunidades para integrar conhecimentos, valores e experiências, além de promover uma compreensão mais profunda e respeitosa entre diferentes grupos etários. Quando pessoas idosas e crianças se encontram em espaços compartilhados, a exemplo, nas atividades desenvolvidas pela Universidade da Maturidade e no Centro Municipal de Educação Infantil João e Maria, surgem dinâmicas que enriquecem ambos os lados e fortalecem o tecido social ao proporcionar um aprendizado mútuo que transcende as barreiras geracionais.

A proposta desta obra é explorar e compreender essas práticas intergeracionais, especialmente no contexto amazônico. A região, com sua vastidão e riqueza cultural, oferece um cenário privilegiado para investigar como crianças e pessoas idosas interagem e aprendem uns com os outros. Caminharemos por dois espaços que dialogam e atuam juntos, uma universidade, por meio de uma iniciativa reconhecida por sua inovação social, e um centro de educação infantil, um espaço vibrante e lúdico; locais em que os protagonistas deste estudo, evidencia como a educação intergeracional pode promover o desenvolvimento humano integral.

É urgente construir pontes que permitam o diálogo entre as gerações, rompendo estereótipos e valorizando as singularidades de cada

etapa da vida. Espero que este livro inspire educadores, gestores, pesquisadores e todos aqueles que acreditam no poder transformador da educação. A união de experiências e conhecimentos de diferentes gerações é um universo a ser vivenciado e a compreensão das práticas que envolvem as trocas afetivas e de saberes é um caminho a ser seguido.

Dr. Luiz Sinésio Silva Neto

Professor na Universidade Federal do Tocantins

Sumário

1.INTRODUÇÃO.....	10
2.CAMINHOSPERCORRIDOS.....	20
2.1 Procedimentos Metodológicos.....	20
2.2 Memorial.....	29
3.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	37
3.1 Educação de Velhos.....	39
3.2 Educação de Crianças.....	45
4.UNIVERSIDADE DAMATURIDADE.....	50
4.1 A Casa Amarela.....	50
4.2 A Rainha da Casa Amarela.....	55
4.3 Os vovôs da UMA.....	59
5. CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA.....	62
5.1 O CMEI do Lobo Guará e das casinhas dos vovôs.....	62
5.2 As crianças e famílias do CMEI João e Maria.....	66
5.3 Brincadeiras e interações no CMEI João e Maria.....	71
6. UMA e CMEI João e Maria em prol da Educação Intergeracional.....	76
6.1 Projeto Ecoponto na Escola - inovação e sustentabilidade na Amazônia Legal.....	76
6.2 Turma Casa da Vovó - espaço de descobertas por meio de interações e brincadeiras.....	82
6.3 Rotinas de brincadeiras e interações entre velhos e crianças - caminhos possíveis.....	87
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
8. REFERÊNCIAS.....	98

1 INTRODUÇÃO

No último dia 16 de junho de 2023, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) e apontou em sua exibição que, em dez anos, houve um aumento da proporção de velhos, aqueles com 65 anos ou mais, no total da população brasileira, de modo que o percentual de 7,7% em 2012, passou para 10,5% em 2022. A população adulta entre 30 e 64 anos também cresceu, enquanto a proporção jovem da população diminuiu, tanto os na faixa etária de 18 a 29, quanto os menores de 18 anos (IBGE, 2023).

Na região norte do Brasil, esse fenômeno é notado no estado Tocantins, um estado membro da Amazônia Legal, de grande importância estratégica, ecológica e cultural (DO NASCIMENTO, 2013). Nesta vasta extensão territorial, rica em biodiversidade, existem experiências únicas para quem investiga as interações entre gerações, na visão de compreender as comunidades e mergulhar na diversificada herança cultural da região.

Tais interações entre diferentes gerações são oportunidades de educação intergeracional; um tema fascinante e relevante em nossa sociedade em constante evolução (OSÓRIO et al, 2018). Elas envolvem vínculos e conexões entre diferentes sujeitos, com foco especial nas relações que acontecem no âmbito dos mais jovens e dos mais velhos. Essas trocas desempenham um papel fundamental no desenvolvimento individual e coletivo, e influenciam a educação, a saúde, a cultura, os valores e a compreensão mútua.

Nessa dinâmica estão as vivências que acontecem com os velhos e as crianças, momentos preciosos que unem diferentes ciclos de desenvolvimento humano, maturidade psicológica e experiências (VILLAS-BOAS, 2016). De modo que essa interação entre os mais experientes e os mais jovens é repleta de aprendizado, afeto e descobertas. Atmosfera que permite qualidade de vida aos velhos, diante do respeito de suas experiências acumuladas ao longo dos anos e fascínio às crianças, ao navegarem nos conhecimentos, histórias e experiências de quem já viveu mais de sessenta anos.

A Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT), é um espaço de aprendizado e valorização das pessoas que envelheceram em nossa sociedade (PEREIRA; OSÓRIO e SILVA NETO, 2021). Reconhecida como Inovação Social diante do compromisso dedicado ao enriquecimento intelectual, emocional e social de velhos (DE SANTANA et al, 2020). À medida que, além de cumprir com aspectos acadêmicos, a UMA/UFT também valoriza o fortalecimento dos laços intergeracionais e o estímulo ao bem-estar dos participantes, por meio de projetos, cursos, palestras, oficinas e atividades diversas, que abrangem uma ampla gama de áreas do conhecimento.

O Centro Municipal de Educação Infantil João e Maria (CMEI João e Maria) é um espaço público do Sistema Municipal de Educação Básica, da Prefeitura de Palmas, dedicado ao cuidado e educação de crianças entre zero a cinco anos de idade; moradores no raio residencial da Quadra 305 do Plano Diretor Sul, Bairro Central da cidade de Palmas, capital do Estado do Tocantins (Anexo - B). Espaço que, segundo o seu Projeto Político Pedagógico (PPP), desenvolve práticas pedagógicas que acolhem e oferecem oportunidade de trocas entre as crianças matriculadas na Educação Infantil, com parceria que recebe velhos matriculados no curso Promotor de Saúde, Educação Intergeracional e Qualidade de Vida, da UMA/UFT.

A pergunta que esta pesquisa busca responder é: Como a Educação intergeracional acontece em práticas educativas que envolvem velhos da Universidade da Maturidade e crianças do Centro de Educação Infantil João e Maria? Pois existem questões em aberto sobre as relações intergeracionais entre velhos e crianças, diante de sua complexidade no âmbito da ciência e da consciência (MORIN, 2000). Ao passo que temos interesse em descrever e compreender (MERLEAU-PONTY, 2018) as relações intergeracionais que acontecem no universo dos velhos da UMA/UFT e das crianças do CMEI João e Maria.

O nosso objetivo geral é descrever e compreender as relações intergeracionais entre velhos da Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins e crianças do Centro Municipal de

Educação Infantil João e Maria. Convictos de que essa abordagem trará novos insights que possam melhorar a qualidade de vida das pessoas que envelheceram, e ampliará as possibilidades didático-pedagógicas com crianças na Educação Infantil.

Este exercício da consciência crítica nos permitiu alcançar quatro objetivos específicos: 1) Explorar conceitos da Educação intergeracional entre velhos e crianças; 2) Divulgar práticas educativas que desenvolvem habilidades, conhecimentos e competências de velhos e crianças; 3) Apreciar relatos da presença de velhos da UMA/UFT no CMEI João e Maria que superam estereótipos relacionados à velhice; e, 4) Valorizar o trabalho do CMEI João e Maria ao recepcionar os velhos da UMA/UFT como um caminho de estímulos cognitivos ligados ao pensamento criativo e crítico das crianças.

A relevância social do trabalho envolve reflexões a respeito de práticas educativas que alcançam o aprendizado intergeracional no âmbito da Amazônia Legal brasileira, em histórias de vida e valores que são universais e enriquecem os seres humanos em qualquer tempo e espaço. Tendo em vista a razão de tais oportunidades serem complexas ao envolver a interação entre crianças e velhos, pois vivem momentos distintos e distantes de desenvolvimento emocional e social.

Escolhemos o ciclo de tempo do ano de 2022, momento em que acompanhamos a transição com o fim do distanciamento social, do combate à pandemia de Covid-19, e o retorno das atividades presenciais. De modo que, a UMA/UFT foi referência consolidada para as questões de aprendizado e valorização dos velhos tocantinenses (BRITO et al, 2022); e o CMEI João e Maria, como um espaço formal de intencionalidade educativa com crianças na Educação Infantil (OLIVEIRA et al, 2023).

Em nossa hipótese, indicamos este trabalho como uma contribuição para as reflexões que envolvem a solução do questionamento de como o diálogo entre a Universidade e o Sistema Municipal de Educação, pode desenvolver práticas educativas intergeracionais com velhos e crianças. Especificamente, em ações coletivas e de baixo custo que contenham intencionalidades educativas tanto para

espaços não-formais de educação de velhos, assim como acontece na UMA/UFT, quanto em espaços formais de educação de crianças, em contextos semelhantes ao que é ofertado no CMEI João e Maria.

Para que esta contribuição se efetive, pontuamos quatro conjecturas desta pesquisa: 1) A Educação intergeracional promove aprendizado mútuo entre velhos e crianças; 2) As práticas educativas intergeracionais desenvolvem habilidades, conhecimentos e competências essenciais para a construção da cidadania de velhos e crianças; 3) A presença de Velhos da UMA/UFT no CMEI João e Maria rompe estereótipos e preconceitos relacionados à velhice; 4) A recepção que as crianças do CMEI João e Maria fazem aos velhos da UMA/UFT é um caminho de estímulos cognitivos ligados ao pensamento criativo e crítico das crianças.

Esclarecemos que este trabalho possui limites e no escopo desta pesquisa está a nossa decisão de investigar as práticas educativas que envolvem a Educação intergeracional entre velhos, de um programa de Educação não-formal, e de crianças de uma unidade de Educação Infantil. Ao passo que, em nossos resultados, contextualizamos sobre a importância da educação intergeracional na sociedade contemporânea, como tema relevante no campo da educação de velhos e de crianças. Diante disso, nosso escopo não contempla outras faixas etárias e não alcança práticas educativas com sujeitos do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Superior; assim como não investigamos os caminhos de gestão educacional e/ou de formação de professores neste processo.

Nesta direção, justificamos o trabalho tendo em vista que o mesmo descreve a compreensão de uma prática educativa intergeracional no âmbito da Amazônia Legal. Pois, segundo Ferrigno (2005), Osório et al (2018), Villas-Boas (2016), Bauman (1999), Morin (2000) e Beauvoir (1990), com o aumento do envelhecimento da população, as trocas culturais e de saberes são desafiadas no contexto da sociedade contemporânea; sendo necessário ampliar a compreensão das relações intergeracionais e, ao mesmo tempo, nutrir o potencial das interações entre as gerações e a capacidade de aceitação das mudanças socioculturais advindas desta realidade.

Quanto a relevância desta produção, citamos Simone de Beauvoir (1990) ao alertar que o processo de envelhecimento é irreversível e o aumento de pessoas velhas no contexto social contemporâneo deve ser tratado com zelo, pois é um ciclo do desenvolvimento humano que traz impactos para as pessoas que alcançam esse ciclo da vida e que, por este fato, não devem sentir-se em uma posição inferior. Ao mesmo tempo que Edgar Morin (2000) explora temas como as relações entre ciência e ética, na construção do conhecimento científico, diante do conhecimento cotidiano; além de outros saberes que possuem o seu valor quando se leva em consideração a complexidade do mundo e uma visão abrangente e contextualizada dos fenômenos.

Neste caminho, Osório et al (2018), divulga um exemplo de aplicabilidade do que é proposto como resposta ao questionamento deste trabalho. Ela afirma que as relações entre velhos e crianças enriquecem o processo educacional, pois os avós (velhos) desempenham um papel fundamental na educação dos netos (crianças). Quanto à viabilidade do que é proposto aqui, referenciamos Villas-Boas (2016), por investigar a desconexão entre as gerações, um dos principais desafios intergeracionais enfrentados atualmente, causada pela fragmentação da sociedade e falta de oportunidades de interação entre diferentes grupos etários.

Sobre o diferencial deste trabalho, diante de outros similares que poderemos encontrar na literatura científica, apontamos o que Bauman (1999) explora a respeito dos efeitos da globalização na vida cotidiana das pessoas e nas relações sociais; pois somos convictos de que a Educação intergeracional é uma dinâmica social capaz de inculcar positivamente as identidades individuais e coletivas, os laços comunitários e as relações interpessoais (JULIÁ, 2001).

E diante das fragilidades para as relações sociais apontadas por Ferrigno (2005), com o aumento no número de velhos, seguimos motivados a descrever e compreender as tensões e os desafios existentes em projetos educacionais que respeitem diferentes grupos etários, destacando aqueles que possuem velhos e crianças ativos em empreendimentos educacionais que abordem a importância da comunicação e do diálogo intergeracional.

Destacamos ainda nesta parte introdutória que os objetivos deste trabalho sofreram alterações em seu percurso, quando analisamos o que foi previamente definido no Projeto de Dissertação. Ao passo que tomamos os cuidados da Resolução CNS N° 466 de 2012, e asseguramos os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa e à comunidade científica, de acordo com aprovação (Anexo C), da Comissão de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal do Tocantins (CEP/UFT).

Essas alterações foram necessárias após as revisões bibliográficas alcançadas com a colaboração e troca de conhecimentos que tivemos nas aulas das disciplinas complementares do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Tocantins (PPGE/UFT). Locais e espaços de trocas com professores orientadores e outros pesquisadores que nos auxiliaram em reflexões das perguntas da pesquisa, dos objetivos, da metodologia escolhida, do referencial teórico, da coleta de dados, das análises e da divulgação dos resultados aqui publicados.

Neste caminho coletivo, para divulgar nossos resultados, estruturamos esta dissertação de modo que a “Introdução” é o nosso Capítulo 1, tendo em vista que ela vai além da apresentação mecânica e torna-se um dos elementos essenciais que sustentam o tema central deste trabalho. Nela, contextualizamos e buscamos estabelecer uma base sólida para a descrição e compreensão de relações intergeracionais entre velhos e crianças, ao mesmo tempo em que delineamos nosso universo de pesquisa, junto aos velhos da UMA/UFT e as crianças do CMEI João e Maria, espaços educativos na Amazônia Legal brasileira.

Diante disso, no Capítulo 2, de nome “Caminhos Percorridos”, continuaremos a apresentação de nosso posicionamento filosófico, ontológico e epistemológico sobre o tema desta pesquisa, assim como os paradigmas que classificam, definem e relacionam o trabalho, com orientações de Lakatos e Marconi (2003); Trivinos (1987); Bardin (2011); Gil (2008) e Minayo (2008). Pois, ao andar com esses autores julgamos que conseguimos coletar dados, analisar conteúdos e referenciar o trabalho científico com credibilidade,

reconhecimento a trabalhos anteriores, contextualização e incorporação de novas perspectivas.

É também no Capítulo 2 que registramos os materiais e métodos qualitativos, e detalhamos nossa metodologia (LAKATOS e MARCONI, 2003). Além disso, escrevemos o Memorial, com os caminhos que percorremos desde nossa infância, ligados à nossa memória afetiva de interações com pessoas velhas, em momentos pessoais, formativos e profissionais. Divulgar esse memorial segue a concepção de que fontes escritas também podem ser subjetivas, pois: “[...] é sempre bom ter em mente que o relato de vida é apenas uma entre muitas possibilidades. O relato de vida costuma ser a apresentação oficial de si, que varia conforme o “mercado” no qual é oferecido – na família, geralmente, o que rege é a confiança; na esfera pública, o relato costuma ser mais formal” (ALBERTI, 2000, p. 5).

No Capítulo 3 compartilhamos a fundamentação teórica que embasa a abordagem de defesa das relações intergeracionais, sob a perspectiva fenomenológica, corrente filosófica que busca compreender as interações humanas através da experiência vivida, ao valorizar a subjetividade e a intersubjetividade nas relações. Enfatizamos a importância das brincadeiras e interações entre crianças e velhos, ao acreditarmos que essas trocas lúdicas proporcionam momentos de aprendizado mútuo, e promovem o desenvolvimento social, emocional e cognitivo de ambas as gerações.

Neste caminho, nossa fundamentação teórica proclama a Educação Intergeracional como um elemento-chave em abordagens que buscam criar oportunidades para que crianças e velhos possam aprender uns com os outros. Ao passo que compartilhamos conhecimentos, experiências e perspectivas que alcançamos no viés da teoria que aprecia a ideia de que o aprendizado não se limita a um contexto unidirecional, mas é construído através de diálogos e trocas de saberes entre as gerações.

Destacamos ainda no Capítulo 3 o nosso arcabouço argumentativo a respeito da força das relações intergeracionais para o combate de estereótipos negativos contra os velhos e as crianças. Pois reco-

nhecemos que a idade avançada não diminui o valor das pessoas, assim como a pouca idade não significa ausência de capacidades. Neste viés, nutrimos perspectivas que valorizam o protagonismo humano no ciclo da infância a da velhice, e encorajamos reflexões epistemológicas que apontam para concepções em que as crianças e os velhos assumem um papel ativo nas interações, respeitam e valorizam o saber e a experiência de cada ser em sua fase da vida humana.

Nesse contexto teórico, divulgamos no Capítulo 4 os resultados que alcançamos em nosso trabalho científico, cultivado com esmero em um processo de investigação em que cada passo dado foi guiado pela curiosidade e pela busca por respostas sobre as práticas intergeracionais entre crianças e velhos. Nele, apresentamos a UMA/UFT, um local amazonense de estudos dedicado aos velhos que desejam continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida, carinhosamente nomeada de “Casa Amarela” pelas crianças do CMEI João e Maria.

Inspirando-se nessa iniciativa, escrevemos a respeito dos dados coletados que envolvem o encontro intergeracional dos velhos e crianças com a coordenadora da UMA/UFT, reconhecida com o título de “Rainha da Casa Amarela”, uma figura respeitada e admirada por crianças e velhos que demonstram comprometimento e paixão pelo trabalho intergeracional, desempenhado na promoção da aprendizagem contínua dos “vovôs da UMA”.

Ao final do Capítulo 4, descrevemos nossas compreensões de como os “vovôs da UMA” compõem este universo lúdico, pois é como as crianças chamam os velhos que são protagonistas desse ambiente enriquecedor. Homens e mulheres que, apesar de já terem vivido uma vida repleta de experiências, não se satisfazem em apenas olhar para o passado e buscam se manter ativos, engajados e aprendendo constantemente na “Casa Amarela”.

O Capítulo 5 apresenta o CMEI João e Maria, um lugar mágico onde a imaginação floresce e a aprendizagem ganha vida durante a manutenção de rotinas pedagógicas da Educação Infantil. Nesse espaço encantador, as crianças e suas famílias são acolhidas em um

universo lúdico, repleto de oportunidades para explorar, criar e crescer.

Descrevemos o coração desse ambiente vibrante, onde encontramos histórias com o Lobo Guará, uma figura cativante que desperta a curiosidade das crianças, personagem lendário que é utilizado como um fio condutor para diversas atividades pedagógicas. Tais atividades são celebrações com histórias que ganham vida nas salas de aula, nas rodas de contação de histórias e nas brincadeiras ao ar livre, que inspiram as crianças a explorarem seu entorno com olhos curiosos.

Seguimos no Capítulo 5 as descrições e compreensões a respeito das “casinhas dos vovôs”, outro elemento encantador desse cenário mágico. Espaços acolhedores que proporcionam uma conexão afetiva com os velhos, permitindo que as crianças vivenciem relações intergeracionais significativas. Nas casinhas dos vovôs, além de interações e brincadeiras no viés da coleta seletiva, são compartilhadas histórias de vida, saberes e afetos, por meio da promoção de momentos de troca, ricos de experiências entre as diferentes gerações.

Ainda no Capítulo 5, descrevemos nossas percepções a respeito de como acontece a aprendizagem no CMEI João e Maria, de forma natural e prazerosa, por meio de brincadeiras e interações do livre brincar. Nas quais as crianças exploram o mundo, experimentam diferentes papéis e desenvolvem habilidades sociais, emocionais e cognitivas. Ao passo que, as atividades são cuidadosamente planejadas pelos educadores em parceria com os pais e responsáveis das crianças, e valorizam a importância do brincar na educação infantil, ao criar um ambiente propício para o desenvolvimento integral dos pequenos.

É nesta parte do trabalho que escrevemos uma rápida excursão a respeito de como as famílias do CMEI João e Maria também são parceiras na jornada educativa com a UMA/UFT, e são convidadas a participar ativamente do processo, envolvidas em ações colaborativas, encontros temáticos e momentos de trocas, que fortalecem os laços entre a comunidade escolar e a Universidade, além de fomen-

tar uma educação participativa e inclusiva. Ações que transformam o CMEI João e Maria em um verdadeiro celeiro de aprendizagens, onde a magia do lúdico se entrelaça com a seriedade do processo educativo.

A parte de resultados desta dissertação encerra-se no Capítulo 6, no qual apresentamos o diálogo entre a UMA/UFT e o CMEI João e Maria que se fortalece por meio de um projeto inspirador chamado “Ecoponto na Escola”. Uma iniciativa que promove a sustentabilidade no universo da Educação Infantil, especificamente na turma do Pré-Escolar, nomeada pelas crianças de “Casa da Vovó”, onde momentos de brincadeiras e interações entre velhos e crianças são rotinas especiais.

Observamos e descrevemos no Capítulo 6 como o projeto “Ecoponto na Escola” torna-se um elo de conexão entre essas duas instituições, que reconhecem a importância da educação ambiental desde a infância. Tendo em vista que o planejamento é selado por meio de práticas sustentáveis, nas quais as crianças, juntamente com os velhos, aprendem a valorizar o meio ambiente ao compartilharem momentos com atitudes responsáveis em relação à coleta seletiva de resíduos sólidos.

Nesse contexto, analisamos dados coletados que envolvem a turma Casa da Vovó no universo lúdico do CMEI João e Maria e extensionista na prática universitária da UMA/UFT; ao manterem um ambiente propício para a construção de conhecimento entre velhos e crianças, que respeita experiências de vida, compartilha histórias, brincadeiras, práticas e valores relacionados à preservação do meio ambiente. Com destaque para as rotinas de brincadeiras e interações, de coleta seletiva que acontecem nas Casinhas dos Vovôs, ao entrelaçar a sustentabilidade, a diversão e o aprendizado.

As considerações finais deste trabalho são tecidas no Capítulo 7, que apresenta o encerramento de uma jornada de pesquisa e reflexão sobre as práticas educativas desenvolvidas de forma intergeracional, a partir do diálogo entre a UMA/UFT e o CMEI João e Maria; destacando a importância dessa dissertação de Mestrado para as reflexões que envolvem processos de ensino e aprendizagem na etapa

da Educação Infantil, em parceria com a Universidade, no contexto territorial da Amazônia Legal.

Ainda no Capítulo 7 estão as limitações que percebemos durante o percurso deste estudo, conectadas com a relevância e os benefícios gerados pelo intercâmbio entre essas duas instituições. Ao passo que, queremos somar em caminhos para a promoção de relações intergeracionais significativas, em que os velhos e as crianças compartilham saberes, experiências e afetos, e ambos, por sua vez, degustam de momentos ricos da valorização do meio ambiente, da complexidade da vida humana e da diversidade entre as gerações.

Queremos, por fim, que esta dissertação de Mestrado traga à tona reflexões e resultados que podem servir como base para a construção de políticas públicas e práticas educacionais intergeracionais mais efetivas na Amazônia Legal. Ao evidenciarmos a importância de dois momentos de diálogo: o primeiro entre a Universidade e o Sistema Municipal de Educação; e o segundo entre os velhos e as crianças. Nesse sentido, encorajamos a leitura deste trabalho como um instrumento que oferece subsídios teóricos e práticos para aprimorar a Educação Básica na Amazônia Legal.

2 CAMINHOS PERCORRIDOS

2.1 Procedimentos Metodológicos

A metodologia utilizada neste trabalho consiste na análise de documentos e publicações científicas relacionadas ao diálogo entre a Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT) e o Centro Municipal de Educação Infantil João e Maria (CMEI João e Maria). Assim, com o intuito de compreender a interação e a troca de conhecimentos entre essas duas instituições, foram adotados os seguintes passos metodológicos.

Escolhemos nomear esta parte do trabalho de “Caminhos Percorridos”, tendo em vista que apresentaremos o Memorial da pesquisadora ao decidir, motivada por Alberti (2000), relembrar e escrever os

caminhos que percorreu desde a infância, com um enfoque especial em sua memória afetiva de interações com pessoas mais velhas. Essas interações ocorreram em momentos pessoais, formativos e profissionais, e moldaram a visão de mundo, valores e trajetória que culmina neste momento de produção técnico-científica.

Nesta linha de raciocínio, por meio deste memorial, celebramos os momentos compartilhados, as histórias ouvidas e as lições aprendidas. Ademais, as interações e estudos que incluem o período de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Tocantins (PPGE/UFT), além de momentos de interações que alcançamos com os velhos da UMA/UFT e crianças do CMEI João e Maria, nos ensinou que a idade é apenas um número e que a experiência de vida é um tesouro a ser compartilhado.

Do mesmo modo, continuamos a distribuir nesta parte do trabalho nosso posicionamento filosófico, ontológico e epistemológico sobre o tema desta pesquisa, assim como os paradigmas que classificam, definem e relacionam a investigação, com orientações que podem ser observadas na Tabela 1, com os autores Lakatos e Marconi (2003), Trivinos (1987), Bardin (2011), Gil (2008) e Minayo (2008).

Tabela 1 - Autores de referência metodológica da dissertação

Tema	Autor	Palavras-chaves
Criatividade nas pesquisas	MINAYO (2008)	Pesquisa Social, Teoria, Método.
Fundamentos da Metodologia Científica	LAKATOS e MARCONI (2003)	Fundamentos, Metodologia científica, Classificação
Análise de conteúdo	BARDIN (2011)	Planejamento, Métodos, Técnicas.
Pesquisa social	GIL (2008)	Procedimentos, Práticas, Abordagens.
Pesquisa qualitativa	TRIVINOS (1987)	Pesquisa em ciências sociais, Pesquisa em educação, Fenomenologia.

Fonte: TRIVINOS (1987), tabela da autora.

Ao estabelecer contato com esses renomados autores, aprimoramos nossa capacidade de coletar dados, realizar análises aprofundadas e referenciar trabalhos científicos com confiança e reconhecimento a estudos prévios, na busca de transmitir transparência e clareza sobre os passos seguidos para a realização deste estudo (MINAYO, 2008).

Primeiramente, realizamos uma revisão bibliográfica abrangente (GIL, 2008) e buscamos artigos e livros a respeito dos temas: Educação intergeracional; Práticas educativas; Educação Básica; Educação Infantil; Gerontologia; Educação ao longo da vida; Relações intergeracionais; e, Investigação científica na área de Educação (LAKATOS e MARCONI, 2003). Concomitantemente, alcançamos relatórios e publicações de professores e gestores das duas instituições (BARDIN, 2011). Selecionados em critérios relevantes (GIL, 2008), que abordassem a relação entre universidades e instituições de educação infantil, ligados à aprendizagem intergeracional entre crianças e velhos.

Durante a etapa de seleção dos documentos específicos da UMA/UFT e do CMEI João e Maria (BARDIN, 2011), buscamos por aqueles que incluíam os Projetos Políticos Pedagógicos de ambas as instituições, bem como seus relatórios de atividades, planos de aulas, registros de projetos pedagógicos, diários de bordo, fotos, vídeos e outros documentos que ainda não tinham recebido tratamento científico (LAKATOS e MARCONI, 2003). Ao passo que a análise desses materiais permitiu identificar as práticas, os objetivos, os pontos de interseção e os desafios enfrentados em prol das relações intergeracionais entre as crianças e os velhos.

Destacamos que nossa seleção foi cuidadosa e de forma sistemática, no propósito de identificar as percepções a respeito das relações intergeracionais e verificar fenomenologicamente o movimento e o sentir (MERLEAU-PONTY, 2018). Ao passo que os documentos escolhidos apontaram comportamentos, interações e contextos que ocorreram com 35 (trinta e cinco) crianças da turma do pré-escolar do CMEI João e Maria e 7 (sete) velhos da UMA/UFT, enquanto sujeitos participantes do projeto Ecoponto na Escola, durante o ano

letivo de 2022.

Seguidores da fenomenologia em nossa abordagem de pesquisa, sistematizamos métodos que envolvessem a empatia em relação à experiência alheia (MERLEAU-PONTY, 2018). Logo, nosso foco de estudo foram registros construídos por pessoas que vivenciam as relações intergeracionais entre crianças e velhos; relatos escritos capazes de aprofundar nossa compreensão das experiências vividas; documentos oficiais ligados às relações intergeracionais; portfólios com coletânea das realizações; e normativas que envolveram o processo (GIL, 2008). Consequentemente, fomos capazes de fazer a “inferência de conhecimentos relativos às condições de produção” (BARDIN, 2011, p. 35).

Ao utilizar métodos fenomenológicos, compreendemos a subjetividade e perspectiva dos participantes, e ainda valorizamos as experiências percebidas nos relatos. Essa abordagem enriqueceu nossa compreensão sobre as relações intergeracionais em seu conceito de convivência e troca entre diferentes gerações (VILLAS-BOAS, 2016). Por conseguinte, reconhecemos a singularidade da experiência que os velhos da UMA/UFT e as crianças do CMEI João e Maria, alcançaram no desenvolvimento do projeto Ecoponto na Escola.

Ao seguirmos essa abordagem, a divulgação deste trabalho é realizada de forma qualitativa, embasada em análise documental e estudos bibliográficos. Buscamos nesta publicação, um instrumento de diálogo que proporcione uma compreensão mais profunda a respeito das relações intergeracionais entre crianças e velhos, àqueles que desejam explorar esse tema. Afinal, enquanto freireanos dialogamos e admiramos um mesmo mundo (FREIRE, 2014).

Os documentos selecionados do CMEI João e Maria foram obtidos em três setores administrativos da unidade escolar (Anexo - A): Secretaria Escolar, Supervisão Pedagógica e Orientação Pedagógica. Além desses setores, também coletamos planos de aulas, relatórios, portfólios e outros registros fornecidos por quatro professoras da turma de Pré-Escolar da Educação Infantil, atuantes no projeto Ecoponto na Escola. Esses materiais forneceram uma visão abrangente e detalhada das atividades práticas pedagógicas e processos de

aprendizagem desenvolvidos em prol das relações intergeracionais entre velhos e crianças, relevantes para nossa pesquisa.

Durante nossa trajetória de pesquisa, tivemos a oportunidade de reunir os documentos da UMA/UFT. Esses documentos foram obtidos em três setores administrativos fundamentais da instituição de educação superior: Coordenação Geral, Secretaria e Gerência de Projetos. Nela também realizamos a coleta de planos de aulas, relatórios, portfólios e outros registros fornecidos por cinco professoras engajadas na disciplina “Sustentabilidade para Todas as Idades”, do curso “Promotor de Saúde, Educação Intergeracional e Qualidade de Vida”. Coleta criteriosa que nos permitiu analisar em detalhes as estratégias, os recursos utilizados e os resultados alcançados na instituição.

No intuito de abordar os objetivos propostos, avaliar os resultados alcançados e explorar as percepções descritivas, optamos por complementar nossos textos com elementos visuais, como tabelas, quadros, fotos e imagens. Segundo Minayo (2008), esses recursos auxiliam na interpretação de nossa análise temática e, portanto, desempenham um papel crucial na identificação das contribuições das relações intergeracionais entre velhos e crianças para o desenvolvimento infantil e o fortalecimento da educação ao longo da vida.

Acreditamos que ao compartilhar tais elementos, estamos proporcionando aos leitores deste trabalho uma experiência mais abrangente e imersiva em relação aos resultados e às percepções que alcançamos (MARCONI e LAKATOS, 2003). Tendo em vista que foram selecionados entre os materiais cedidos por profissionais das duas instituições, alcançados em publicações de nossa revisão bibliográfica, assim como aqueles que construímos na etapa de análise dos dados coletados (BARDIN, 2011). Contribuições que enriquecem nosso trabalho e promovem uma compreensão mais completa do tema.

Na seleção dos documentos para esta pesquisa, optamos por aqueles que envolvem divulgações engajadas na defesa do direito de crianças e velhos serem protagonistas e aprenderem juntos, que, no âmago, é também o direito de atuar (FREIRE, 2018, p. 88); e

comprometidas com a quebra de estereótipos e preconceitos relacionados à velhice (FERRIGNO, 2015). Ou seja, documentos que retratam as experiências políticas e educativas das duas instituições, em suas abordagens epistemológicas dialéticas e relações dinâmicas entre os conceitos de Educação intergeracional, Educação Infantil e Educação ao longo da vida; e práticas educativas inclusivas e igualitárias.

Em nossa pesquisa, realizamos a análise do conteúdo, seguindo a abordagem proposta por Bardin (2011), aliada ao pensamento freireano. Essas abordagens conduziram à uma análise aprofundada dos dados coletados, indo além do que está escrito nos documentos. Elas nos permitiram inferir sobre a realidade subjacente e proporcionar a expressão dos conteúdos dos textos, das fotos e outras imagens, por meio de indicadores que chamamos, neste trabalho, de Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento.

Pelo exposto, a análise do conteúdo foi organizada em três fases (Imagem 1), seguindo Bardin (2011): a) na “pré-análise”, selecionamos e organizamos o material que foram submetidos aos procedimentos analíticos; b) na “exploração”, estudamos o material selecionado com cuidado, ética e responsabilidade; e c) na “inferência”, tratamos os resultados, na proposição de divulgar nossas percepções fenomenológicas.

Imagem 1 - Fases da metodologia do trabalho.



Fonte: BARDIN (2011). arte da autora.

Na etapa inicial do nosso trabalho, realizamos a pré-análise dos documentos obtidos. Seguimos a abordagem proposta por Bardin (2011, p. 126), e estabelecemos um primeiro contato com os documentos, imersos em um ambiente repleto de “impressões, hipóteses e orientações” que nos guiaram às etapas seguintes de nossa investigação. Neste momento reflexivo, dedicamos tempo à leitura minuciosa dos documentos, e esta imersão nos permitiu ter um panorama inicial dos conteúdos e das informações presentes, ao mesmo tempo em que despertou em nós impressões e hipóteses preliminares.

Nos trajetos inspirados pela perspectiva freireana, integramos interpretações criativas e políticas que valorizam o pluralismo de ideias e a resistência ao domínio tecnopolítico da informação e buscamos ampliar as possibilidades de expressão e participação que permitissem diferentes pontos de vista. Nesta abordagem (GADOTTI, 2017), buscamos ir além das análises convencionais e incorporar uma postura crítica e reflexiva em relação às convenções sobre a infância e a velhice presentes na sociedade contemporânea. Ao passo que, eticamente, reconhecemos e respeitamos as produções, promovemos reflexões positivas, acolhemos as diferentes perspectivas e vozes e estimulamos o diálogo e a diversidade de ideias (FREIRE, 2014).

Ao fazer essa seleção, buscamos compreender os textos a partir de um “tema”, que se tornou a “unidade de registro”. Ao seguirmos a abordagem de Bardin (2011, p. 135), entendemos que o tema é uma unidade de significação que emerge naturalmente durante a análise de um texto. Essa abordagem nos permitiu explorar as opiniões, afetividade, crenças, atitudes, valores e ideologias presentes nos documentos, tornando-se um “corpo consciente” (FREIRE, 2014). Desse enfoque, conseguimos ir além da superfície do escrito e alcançamos as intenções dos autores.

Na segunda etapa, após a determinação das unidades de análises, encaminhamos para o processo de eleição de “categorias”, agrupadas em elementos comuns às Diretrizes da Educação Infantil (DC-NEI, 2010) e descrições sobre a organização dos Eixos Estruturantes alinhados com a BNCC (2018). Então, elegemos dois Eixos Estru-

turantes (EE): Eixo Estruturante 1: Interações; Eixo Estruturante 2: Brincadeiras. Ou seja, as duas possibilidades de Eixos Estruturantes propostos na BNCC (2018, p. 37) para práticas que envolvem crianças de zero a cinco anos de idade. Para fins didáticos, essas análises estão em tabelas, de acordo com a Tabela 2. De modo que, para responder às “perguntas diretas” e alcançar os resultados que divulgamos, utilizamos as expressões e os verbos que aparecem nos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento, da BNCC (2018, p. 38).

Na etapa inicial do nosso trabalho, realizamos a pré-análise dos documentos obtidos. Seguimos a abordagem proposta por Bardin (2011, p. 126), e estabelecemos um primeiro contato com os documentos, imersos em um ambiente repleto de “impressões, hipóteses e orientações” que nos guiaram às etapas seguintes de nossa investigação. Neste momento reflexivo, dedicamos tempo à leitura minuciosa dos documentos, e esta imersão nos permitiu ter um panorama inicial dos conteúdos e das informações presentes, ao mesmo tempo em que despertou em nós impressões e hipóteses preliminares.

Nos trajetos inspirados pela perspectiva freireana, integramos interpretações criativas e políticas que valorizam o pluralismo de ideias e a resistência ao domínio tecnopolítico da informação e buscamos ampliar as possibilidades de expressão e participação que permitissem diferentes pontos de vista. Nesta abordagem (GADOTTI, 2017), buscamos ir além das análises convencionais e incorporar uma postura crítica e reflexiva em relação às convenções sobre a infância e a velhice presentes na sociedade contemporânea. Ao passo que, eticamente, reconhecemos e respeitamos as produções, promovemos reflexões positivas, acolhemos as diferentes perspectivas e vozes e estimulamos o diálogo e a diversidade de ideias (FREIRE, 2014).

Ao fazer essa seleção, buscamos compreender os textos a partir de um “tema”, que se tornou a “unidade de registro”. Ao seguirmos a abordagem de Bardin (2011, p. 135), entendemos que o tema é uma unidade de significação que emerge naturalmente durante a análise de um texto. Essa abordagem nos permitiu explorar as opiniões, afe-

tividade, crenças, atitudes, valores e ideologias presentes nos documentos, tornando-se um “corpo consciente” (FREIRE, 2014). Desse enfoque, conseguimos ir além da superfície do escrito e alcançamos as intenções dos autores.

Na segunda etapa, após a determinação das unidades de análises, encaminhamos para o processo de eleição de “categorias”, agrupadas em elementos comuns às Diretrizes da Educação Infantil (DC-NEI, 2010) e descrições sobre a organização dos Eixos Estruturantes alinhados com a BNCC (2018). Então, elegemos dois Eixos Estruturantes (EE): Eixo Estruturante 1: Interações; Eixo Estruturante 2: Brincadeiras. Ou seja, as duas possibilidades de Eixos Estruturantes propostos na BNCC (2018, p. 37) para práticas que envolvem crianças de zero a cinco anos de idade. Para fins didáticos, essas análises estão em tabelas, de acordo com a Tabela 2. De modo que, para responder às “perguntas diretas” e alcançar os resultados que divulgamos, utilizamos as expressões e os verbos que aparecem nos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento, da BNCC (2018, p. 38).

Tabela 2 - Categorias em Eixos Estruturantes por Unidade.

Eixos Estruturantes	Descrição	Pergunta direta
Eixo Estruturante 1	Interações	O que percebemos nas interações relatadas?
Eixo Estruturante 2	Brincadeiras	O que percebemos nas brincadeiras relatadas?

Fonte: BNCC (2018), tabela da autora.

A escolha das “interações e brincadeiras” como categorias foi embasada na BNCC (2018), que sustenta estes dois eixos estruturantes para o alcance do desenvolvimento infantil no contexto de uma formação abrangente. Além disso, nossa escolha foi orientada pela intenção de explorar os diferentes aspectos do processo de desenvolvimento infantil (VIGOTSKY, 2000), ao mesmo tempo em que consideramos duas possibilidades de relações intergeracionais que alcançam a Educação ao longo da vida (VILLAS-BOAS, 2016).

Como seguidores da Fenomenologia da Percepção (MERLEAU-PONTY, 2018), nossas análises se concentram em interpretar nossa apreensão, experiência, sentidos e perspectivas sobre o mundo. Diante disso, conforme mencionado por Gil (2008), nosso objetivo é obter informações que revelem conhecimentos, interesses, expectativas e aspirações (p. 121). Pois nossas análises capturam a essência das percepções e sentidos atribuídos pelos sujeitos, exploram suas visões de mundo e a maneira como eles constroem significados a partir de suas vivências; ao serem alcançadas por aqueles que desejam conhecer o “vivido” e “descrito” (HUSSERL, 2006).

2.2 Memorial

Ao longo de minha vida, deixei rastros que marcam minha trajetória e experiências (MELLO, 2001), e quero nesta parte do trabalho dar destaque para aqueles que envolvem pessoas velhas. Sujeitos com quem interagi e aprendi desde minha infância, quando dei os primeiros passos em direção ao conhecimento, à socialização e à descoberta do mundo ao meu redor (Foto 1). Visitaremos as minhas escolas, lugares que desempenharam um papel central nesse percurso, pois me proporcionaram oportunidades de aprendizagem e crescimento cognitivo, social e emocional.

Foto 1 - Nubia Brito rema canoa com seu irmão, em travessia no Rio Javaés rumo à Ilha do Bananal



Fonte: Fotografia do acervo da autora.

Encontraremos fatos de minha juventude, quando passei a transição que a universidade faz na vida de seus estudantes. Pois, nela me aprofundi no conhecimento, no universo da Pedagogia, minha escolha de área específica de estudo e de formação de identidades acadêmicas (MELLO, 2001). Depois, visitaremos alguns apontamentos do meu mundo do trabalho, onde os rastros deste trabalho se tornam mais evidentes. Afinal, é nesse contexto que conheço os fundamentos da Educação Infantil e as coloco em prática em meu trabalho, lugar onde passo a aplicar o conhecimento alcançado e a contribuir com a sociedade, na medida em que alcanço o crescimento profissional e pessoal.

Chegaremos ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFT), lugar que me acolheu na busca por um maior aprofundamento no conhecimento, nos caminhos do Mestrado em Educação. Esse trabalho é resultado desta etapa e envolve estudos, relações intergeracionais, realização de pesquisas e a produção de conhecimento. Mas, não será o fim, pois quero deixar outros rastros que se entrelaçam ao longo de minha vida, não na visão de um “legado que deixarei para trás”, mas como rastros se entrelaçam com outros rastros e formam juntos trajetórias únicas e significativas para cada um deles (Imagem 2).

Imagem 2 - Mapa do Memorial da pesquisadora.



Fonte: Memorial e arte da autora.

Se existe uma coisa que eu tenho prazer em contar é a história da minha infância. Primeiro pela forma inédita que nasci, depois pelas vivências das brincadeiras que me foram oportunizadas e posteriormente pelas consequências desta etapa para a minha vida adulta. Assim, esta parte deste memorial faz um recorte de como se deram as brincadeiras na minha infância e a título de organização eu seguirei uma sequência metodológica que começa pelo meu nascimento

Pois bem, minha infância foi em uma comunidade ribeirinha, que vivia às margens do Rio Javaés, um dos rios da Ilha do Bananal, território integrado ao Parque Nacional do Araguaia, região rural dos municípios de Formoso do Araguaia, Dueré, Pium e Lagoa da Confusão, interior do Estado do Tocantins. Lugar de valor estratégico-econômico, por fazer parte do conjunto das unidades brasileiras de conservação ambiental. Além de ser marcado ao fazer divisa com outro patrimônio nacional, o Território Indígena do Araguaia, que por sua vez conta com a presença de populações indígenas.

Eu sou a quinta de uma irmandade de seis irmãos e o meu nascimento seguiu o rito dos demais nascimentos rurais da época e da comunidade em que eu vivia. Lugar onde quero destacar uma cultura de valorização de quem envelheceu, na figura de uma das mulheres velhas da região. Tendo em vista que o rito de meu nascimento envolve a presença de uma mulher velha que recebia o título de “Parteira”, por ser detentora de conhecimentos e experiências que lhe garantiam poderes, reconhecimentos e privilégios ao ser a responsável

pelo nascimento de diversas crianças da comunidade.

Essa referência em meu trabalho é propositalmente ao fato de buscarmos em nossas histórias de vida por pessoas que após alcançarem a velhice, passaram a oferecer trabalhos voluntários e comunitários. Afinal, as técnicas, cuidados e experiência de uma mulher velha, garantiram que eu conseguisse vir ao mundo, depois que minha mãe subiu em um cavalo e cavalgou em torno de oito quilômetros para conseguir chegar à casa da velha Parteira.

Vale destacar que essas informações foram alcançadas hoje por outra velha, pois elas são narradas por minha mãe, Elza Pereira de Brito, atualmente com setenta e três anos. É Elza que narra com viés cômico, mas com um respeito e admiração que são nítidos:

“A mulher que te ajudou a vir ao mundo era bem velha, não enxergava direito e como não tinha energia elétrica naquela época, a primeira grande tarefa dela quando cheguei com as dores de parto, foi encontrar mais lamparinas para alumiar o quarto onde estávamos. Depois que ela achou as lamparinas, ela correu para arrumar a cama que você ia nascer. Enquanto isso, eu fiquei lá, com dores, mas aguardei pacientemente até que a parteira, bem devagar, terminasse de costurar uma cama de couro que estava cheia de buracos, onde ela disse que eu deveria me deitar para ela fazer o parto.” (ELZA BRITO, 2022).

Ainda na convivência com velhos na minha infância, quero destacar o senhor Mariano, líder indígena Krahô-Kanela. Um velho, que na comunidade indígena recebe o título de Ancião, com poderes políticos, administrativos e religiosos que o tornavam um sujeito respeitado, articulado e atuante em defesa dos direitos dos povos indígenas e comunidades ribeirinhas locais. Destaco essa aproximação diante dos aprendizados que tive ao dialogar e brincar com o Ancião, principalmente nos momentos que ele nos visitava e dedicava parte do tempo para contar as histórias da Bíblia à minha família, utilizando revistas ilustradas.

Recordo-me que eu esperava ansiosa pelo dia em que ele ia para a casa dos meus pais e tinha a paciência de responder às perguntas que eu havia formulado. Essas perguntas envolviam a minha curiosidade depois de ouvir e ver as ilustrações das revistas de histórias bíblicas

lidas por ele. Sobre essa curiosidade, por exemplo, lembro-me do fascínio que tive ao aprender que “Deus fez Adão e Eva e os colocou para morar em um jardim”. Afinal, eu vivia num lugar parecido com o que ele narrava e cheguei a perguntá-lo: “onde era o Jardim do Édem?” Na esperança, claro, de confirmar a hipótese de meu mundo imaginário, de que eu poderia estar vivendo nele.

Outros velhos que fizeram parte de minha história foram: meus avós; o velho que era proprietário da fazenda em que meu pai prestava serviços; além de outros Anciãos das comunidades indígenas próximas. Meu avô, em especial, era um exímio contador de histórias, e, mesmo morando longe, em viagem que seria feita de canoa de madeira ou a cavalo, eu ficava feliz ao receber a notícia de que iríamos visitá-lo.

Vale destacar que, hoje reconheço uma das razões que me deixaram ansiosa e feliz durante os momentos com os velhos Mariano, meu avô, e o velho patrão de meu pai. Afinal eu me sentia à vontade para dialogar com eles diante de suas posturas de respeito aos meus questionamentos, hipóteses e narrativas, pois me deixava à vontade para falar livremente e respondia com paciência e respeito às minhas inquietações. Envoltos ainda em brincadeiras, divertidas e interativas, com receitas e recomendações alimentares, jogos de adivinhar e charadas sobre árvores, flores, frutos, pássaros, peixes, insetos e outros elementos do meu cotidiano.

Aos 9 anos fui morar na cidade, para frequentar a Escola e assim iniciei minha jornada escolar formal, num contexto em que morava de favor com amigos de meus pais e só voltava à Ilha do Bananal nos meses de férias. Em uma dessas residências fiquei sob a responsabilidade de um casal de velhos, o “tio Domingos” e a “tia Chiquinha”, ambos com mais de 60 anos de idade. Destaco aqui, o cuidado que eles tinham de me levar aos domingos, para a Igreja Batista, e participar da rotina da Escola Bíblica Dominical, tendo em vista que foi outro espaço de socialização e aprendizagens de minha história, que alcancei graças ao apoio carinhoso de outros dois velhos.

Na Escola, aproximei-me da professora Maria do Livramento, uma senhora com mais de 50 anos de idade, que me auxiliou durante

um período de dificuldades de aprendizagem. A interação contava com o fascínio que eu tinha de seu material pedagógico, cadernos de registros, diários e portfólios personalizados com capricho, repletos de figuras, cores e adereços, e escritos manualmente com uma letra que eu julgava a mais bonita que conhecia. Sob sua supervisão, eu manuseava e lia com fascínio, suas anotações das aulas, dos alunos e das rotinas de sala de aula; além de conversas, nas quais ela escutava atentamente minhas histórias e lembranças da Ilha do Bananal. Trocas que fortaleceram minha autoestima e trouxeram valorização à minha história e minha capacidade intelectual.

Em 1999, nos caminhos da educação profissionalizante, concluí o Ensino Médio com habilitação em Magistério. Etapa de formação marcada por interações com o professor “Frei Marcos”, membro do corpo docente do curso, e líder na Igreja Católica local. Ele recebe destaque neste memorial por ser o mais velho entre os meus professores da época, com mais de 60 anos, e, ao ser responsável pela disciplina de Filosofia, apresentar-me em momentos teóricos e práticos, a respeito da busca pela compreensão do mundo, com questões da existência humana, do conhecimento, da moral, da ética, da sociedade e do universo como um todo.

Em 2001, minha experiência como professora de crianças inicia logo após a conclusão do curso técnico em Magistério, na turma de Pré-escolar, da Escola Municipal Dom Alano, em Formoso do Araguaia. Uma jornada que fez a diferença na minha e na vida das crianças, com interações e brincadeiras que despertaram oportunidades de crescimento mútuo, pois compartilhei conhecimentos, e aprendi com meus alunos. Ao passo que sempre gostei de trabalhar com projetos, por acreditar que eles ampliam as possibilidades de promoção de ambientes lúdicos, estimulantes e enriquecedores para as crianças.

Em 2004, concluí meus estudos no curso de Pedagogia, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de Gurupi (FAFICH), atual Centro Universitário de Gurupi (UNIRG). Tempo em que compreendo minha condição humana e aprofundo temas como história, filosofia, sociologia, psicologia e antropologia. Contudo, embebida do

fascínio pelas coisas vividas, sigo caminhos da Filosofia, e orientada pela Dra. Maria Denise Rabuske Zenni, escrevo meu trabalho de conclusão de curso sobre uma experiência de filosofar e pensar com crianças pequenas.

Também em 2004, um dos projetos que trabalhei na Escola Municipal Dom Alano em Formoso do Araguaia- TO, envolveu a resolução de conflitos intergeracionais entre crianças e velhos, depois que presenciei uma situação de desrespeito envolvendo uma criança da minha turma, com um velho que era Porteiro da escola. O objetivo foi aproximar as crianças da turma com velhos da Escola e da cidade, com destaque para os que eram Pioneiros de Formoso do Araguaia. Ao passo que, o projeto “Brincando e Aprendendo com o Vovô”, alcançou reconhecimento nacional e destaque no Prêmio Qualidade na Educação Infantil, do Ministério da Educação.

Entre 2006 a 2017, em minha trajetória acadêmica, dedico-me aos estudos lato-sensu de pós-graduação, atualização e aprofundamento na área de Educação, que nutriram minha curiosidade e desejo por compreender o mundo, seguindo caminhos com abordagens e temas ligados ao meu universo profissional. Ao passo que concluo especializações em: Psicopedagogia (2006); Orientação Educacional (2015); Educação Superior (2016); e Educação Infantil (2017), e agrego formações que me auxiliam em meus processos de ensino e aprendizagem, utilizando técnicas e estratégias que auxiliam os estudantes a desenvolverem seu potencial máximo.

Em 2010, já em Palmas, participei, pela primeira vez, de um evento técnico-científico. Eu trabalhava com projetos no Centro Municipal de Educação Infantil Ciranda Cirandinha, com crianças de Creche, de 2 anos de idade; e recebi orientações da professora Dra. Cristiane Quadros, durante atividade de extensão da Universidade Federal do Tocantins, para escrever artigos a respeito do trabalho desenvolvido no viés das brincadeiras e interações, marcado pela presença dos avós das crianças. Ao passo que, a aprovação de uma dessas produções levou-me ao Encontro Nacional de Educação Infantil, que aconteceu em Natal - RN.

Em 2013, também em Palmas, no Centro Municipal de Educação

Infantil Príncipes e Princesas, na turma de Pré-Escolar, com crianças de 4 anos; mantemos projeto com rotina intergeracional de troca de experiências, que recebia outros profissionais da unidade para conversarem com as crianças a respeito do trabalho que desenvolviam. As atividades motivaram as merendeiras e servidoras da limpeza, a criarem, ensaiarem e apresentarem uma peça teatral intitulada “A vovó da cozinha”. Descrever essa experiência neste Memorial, tem o objetivo de divulgar o momento em que eu percebi o quanto valorizar e oportunizar a troca de experiências com as pessoas mais velhas, fortalece as práticas educativas.

Em 2016, fui convidada pelo Ministério da Educação, para contribuir como relatora crítica de um livro destinado à formação continuada dos professores da Educação Infantil, elaborado pela Universidade Federal de Minas Gerais. Neste trabalho analisei os conteúdos, em possíveis eventos ou situações contextualizadas na realidade de uma sala de aula, de forma imparcial, precisa e objetiva. Contribuição que marca minha trajetória profissional ao reconhecer que o trabalho do professor de sala de aula é extremamente relevante, pois é nesse contexto que as teorias educacionais são colocadas em prática e comprovadas.

Em 2017, o trabalho intergeracional em espaços da turma do Pré-Escolar, do Centro Municipal de Educação Infantil Príncipes e Princesas, foi reconhecido no Prêmio Professores do Brasil, do Ministério da Educação. Por sua relevância, o projeto “Cantinhos de Brincadeiras e Interações”, foi escolhido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), para representar a Educação Infantil brasileira durante intercâmbio internacional na Universidade Mary Immaculate College, na Irlanda. Essa valorização fez-me ter certeza de que eu deveria buscar mais conhecimentos para ampliar o trabalho intergeracional com crianças.

Em 2019, busquei aperfeiçoar minhas pesquisas acadêmicas na busca de construir produções e conhecimentos originais junto ao programa stricto-sensu da Universidade Federal do Tocantins. Iniciei minhas tentativas de ingresso no Mestrado, por meio das seleções que ofereciam vagas para o desenvolvimento de pesquisas

avanças na área de Educação e que contribuíssem para a produção científica e acadêmica.

Em 2022, nesta linha acadêmica iniciei o Mestrado em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Tocantins (PPGE/UFT); primeiro, como Aluna Especial, na disciplina Tópicos Especiais em Educação Intergeracional; depois como aluna Regular, sob orientação da professora Dra. Neila Barbosa Osório. Ao passo que, nesta carreira de pós-graduação stricto-sensu, ainda curso: Currículo e Diversidade; História, Memória e Educação; Políticas Educacionais, Estado e Sociedade; Docência da Educação Superior; e Redação de Artigos Científicos.

Também em 2022, sou desafiada pela missão do PPGE/UFT de “formar mestres em educação com os saberes necessários à prática docente e investigativa, capazes de analisar a educação como fenômeno em suas múltiplas inter-relações sociais, culturais e políticas” (PPGE/UFT, p.1) e convidada a realizar minha pesquisa nos espaços da Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT). Ali, em minhas vivências, deparei-me com um laboratório de pesquisa intergeracional, compreendi conceitos que só conhecia na teoria e enlacei reflexões sobre o que estudo, acreditando que teoria e prática são interdependentes e se complementam.

Em 2023, concluo minha pesquisa de Mestrado a respeito do tema “Relações intergeracionais entre velhos da Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins e crianças do Centro Municipal de Educação Infantil João e Maria”. Ao passo que escrevo essa dissertação com os resultados alcançados, na convicção de que se trata de uma descrição e compreensão a respeito de estruturas e dinâmicas da Educação Infantil, junto com a Educação ao longo da vida, com análises, dados e evidências de um projeto intergeracional que envolve crianças e velhos.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A presente pesquisa é fundamentada em uma abordagem te-

órica que resolvemos, neste trabalho, agrupar em dois blocos principais: a educação de crianças e a educação de velhos (Imagem 3). Essa divisão é realizada com o objetivo de analisar de forma mais aprofundada os temas abordados neste trabalho. Pois, reconhecemos que tanto a educação de crianças quanto a educação de velhos são conceitos universais que abrangem o conhecimento humano como

Imagem 3 - Blocos da fundamentação teórica deste trabalho



Fonte: Fundamentação teórica do trabalho da autora.

Vale destacar que nossas considerações seguem a Fenomenologia da percepção, na proposta de Maurice Merleau-Ponty (2018), considerada um marco na filosofia fenomenológica e um dos principais trabalhos do autor. É nesta corrente filosófica que argumentamos, entusiastas de que a percepção não é simplesmente uma atividade sensorial, mas uma atividade corporal e perceptiva que está enraizada em nosso ser no mundo. Diz o filósofo:

Nossas pesquisas devem, portanto nos conduzir finalmente a refletir sobre este homem transcendental, ou esta “luz natural” comum a todos, que transparece através do movimento da história, sobre este Logos que nos propõe como tarefa conduzir à palavra um mun-

do mudo até então e, enfim, sobre este Logos do mundo percebido que nossas primeiras pesquisas encontraram na evidência da coisa. (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 40)

No campo da educação de crianças, buscamos explorar os fundamentos teóricos e práticos relacionados ao desenvolvimento e aprendizagem na primeira infância. Tendo em vista que o nosso universo de pesquisa envolveu crianças de cinco anos, matriculadas na turma de Pré-Escolar do CMEI João e Maria. Ao passo que, neste bloco, apoiamos em teorias e conceitos que abordam o papel do brincar, da interação social, da linguagem e da afetividade no processo educativo das crianças.

No outro bloco, divulgamos referências que envolvem a educação de velhos, tema que também recebe atenção especial em nosso trabalho, ao reconhecemos que os velhos da UMA/UFT são exemplos de que a educação acontece ao longo da vida, em um processo contínuo assim como o próprio fenômeno do envelhecimento humano. Além disso, comungamos com a missão da UMA/UFT em oportunizar aos velhos uma formação ao longo dessa etapa da vida, de modo a considerar limitações, valorizar experiências, construir novos saberes e promover o bem-estar físico e emocional.

Portanto, nossa fundamentação teórica abrange conceitos universais sobre o conhecimento humano, pois compreendemos a importância da educação desde a primeira infância até a velhice e acreditamos que o diálogo entre o CMEI João e Maria e a UMA/UFT permite ampliar nossa compreensão sobre os temas abordados neste trabalho, ao contribuir para a construção de uma visão mais integrada e abrangente da Educação Intergeracional como um todo.

3.1 Educação de Velhos

A educação de velhos é um tema relevante em nosso trabalho, e acompanhamos alguns autores que investigam a temática direta ou indiretamente (Tabela 3), reconhecedores de que ela perpassa di-

ferentes áreas do conhecimento, contribuindo para a formação humana e o desenvolvimento integral das pessoas que envelheceram. Acreditamos que a construção do conhecimento se dá de forma contínua em todas as etapas da vida e, no ambiente escolar essa construção, segundo Juliá (2001), busca promover mudanças de atitudes e comportamentos. Sobre isso, o mesmo Juliá (2001) define “cultura escolar”:

Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIÁ, 2001, p. 10).

Nesse contexto, a UMA/UFT desempenha um papel fundamental na disseminação da Educação ao longo da vida, ao proporcionar espaços de reflexão, pesquisa e formação, tanto para os jovens quanto para os mais velhos. Principalmente em nossos dias, quando acompanhamos o crescimento da população que envelhece e os conflitos intergeracionais ganham cada vez mais relevância (FERRIGNO, 2015), dilemas que envolvem soluções complexas, que perpassam abordagens que valorizem a troca de experiências entre as diferentes gerações (OSÓRIO et al, 2022).

Tabela 3 - Autores que envolvem a educação de velhos

Tema	Autor (ano)	Palavras-chaves
Educação Ambiental	BOFF (1999, 2012)	Ética, Terra, Sustentabilidade.
Formação Humana	MERLEAU-PONTY (2018)	Fenomenologia, Percepção, Compreensão.
Construção do Conhecimento	MORIN (2000)	Ciência, Consciência, Complexidade.
Desenvolvimento Humano	VIGOTSKY (2000)	Pensamento, Linguagem, Interação.
Papel da Universidade	DE MELLO; DE ALMEIDA FILHO e RIBEIRO (2009)	Universidade, Extensão, Formação.
Educação de Velhos	FREIRE (2014, 2018)	Liberdade, Pedagogia, Utopia.
Educação ao Longo da Vida	GADOTTI (2014, 2018)	Extensão universitária, Participação popular, Gestão democrática.
Educação Intergeracional	VILLAS-BOAS (2016)	Educação ao longo da vida, Desafios intergeracionais, Relações humanas.
Velhice	BEAUVOIR (1990)	Direitos, Respeito, Autonomia.
Conflitos Intergeracionais	FERRIGNO (2005, 2015)	Gerações, Longevidade, Cooperação

Fonte: Fundamentação teórica da autora.

Escolhemos uma das obras escrita por Leonardo Boff (1999), por abordar questões relacionadas ao cuidado, à ética e à sustentabilidade em nosso mundo contemporâneo, de modo que o autor nos convida a refletir sobre a importância de adotarmos uma postura responsável em relação ao nosso próprio ser, aos outros seres humanos e ao planeta Terra. Esse cuidado envolve a nossa percepção e privilegia a maneira primordial de nossa relação com o mundo, assim como afirma Merleau-Ponty:

O problema é compreender as relações singulares que se tecem entre a paisagem e mim enquanto sujeito encarnado. [...] O sentir é esta comunicação vital com o mundo que o torna presente para nós como lugar familiar de nossa vida. E a ele que o percebido e o sujeito que percebe devem sua espessura (MERLEAU-PONTY, 2018, p.52).

Alcançamos essa referência em uma das etapas do trabalho, quando analisamos os documentos que envolviam a prática intergeracional das duas instituições em prol da necessidade de uma mudança de paradigma, em que o ser humano deixe de se colocar como o centro e dominador da natureza, e passe a se enxergar como parte integrante e interdependente do ecossistema (BOFF, 1999).

Edgar Morin (2000), é outro autor que referenciamos ao aceitarmos o seu convite a repensar a forma como concebemos e praticamos a ciência. Nossos resultados estão arraigados de reflexões que alcançamos depois que o autor nos instigou a transcender a visão fragmentada e reducionista do conhecimento científico, e buscarmos uma abordagem mais abrangente e contextualizada. É dessa formação que rejeitamos estereótipos sobre a educação de velhos e passamos a valorizar as interconexões e interdependências que existem em propostas pedagógicas de abordagem transdisciplinar, como a que o projeto Ecoponto na Escola promove com velhos e crianças no CMEI João e Maria.

Fundamentos que remetem à construção do pensamento e da lin-

guagem em que Lev Vygotsky (2000) nos convida a refletir ao afirmar que se trata de construção complexa que depende de relações intrínsecas, internas e externa, e argumenta que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas uma ferramenta essencial para a construção do conhecimento e para a interação social. De modo que os símbolos linguísticos permitem ao ser humano, em todo o tempo, representar e compreender o mundo ao seu redor. Um convite que foi aceito por professoras da UMA/UFT e do CMEI João e Maria quando decidiram considerar a interação social, e o contexto cultural das brincadeiras como ferramentas de formação.

Também achamos oportuno citar nesta parte do trabalho o material publicado e coescrito por Alex Fiúza de Mello, Naomar de Almeida Filho e Renato Janine Ribeiro (2009), ao abordarem a importância e o papel das universidades no contexto social contemporâneo. Os autores afirmam:

a universidade brasileira precisa demonstrar, além da qualidade acadêmico-científica e sem de forma alguma renunciar a ela, relevância social. Justamente pela fragilidade da sociedade civil, no Brasil, a universidade tem o dever de ser culturalmente engajada, comprometida com a solução dos problemas da sociedade, com a superação da pobreza crônica, com o fim do analfabetismo, com a geração de alternativas econômicas. Cumprir a universidade parte da tarefa do estado e da sociedade civil não é uma questão de opção ideológica ou de voluntarismo: é uma imposição de sua própria historicidade (DE MELLO; DE ALMEIDA FILHO e RIBEIRO, 2009, p. 294).

Conhecemos De Mello, De Almeida Filho e Ribeiro (2009), em nossos estudos complementares nas disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFT), e com eles compreendemos o papel das universidades na promoção do desenvolvimento social, cultural e econômico de uma nação, quando ela consegue se conectar com as demandas e necessidades da sociedade, assim como faz a UMA/UFT, ao “sair de seus muros” para praticar o que ensina. A própria apresentação do PPGE/UFT declara:

O Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Tocantins (PPGE/UFT) tem como objetivos formar profissionais

qualificados para a área da Educação que desenvolvam pesquisas relacionadas à formação docente e práticas educativas no contexto multidimensional que abrange sociedade, Estado e currículo, bem como produzir conhecimento multidisciplinar por meio da pesquisa no campo educacional (PPGE/UFT, 2023, p. 1).

Esse “sair dos muros”, nos remete às obras escritas por Paulo Freire (2014, 2018), renomado educador brasileiro, que revolucionou a forma como pensamos sobre educação e o papel do educador na sociedade. Tendo em vista que aprendemos em suas obras a defendermos a ideia de que a educação deve ser um processo libertador, capaz de empoderar os indivíduos e transformar a realidade social.

Neste caminho, junto com Osório et al (2022), compreendemos que as análises documentais qualitativas divulgadas neste trabalho podem colaborar para aprofundarmos nossas reflexões sobre a educação de velhos, como um instrumento de transformação social, comprometida com a libertação de seres humanos que envelheceram e estão oprimidos em razão dessa conquista; pois promovemos a conscientização e a superação das estruturas de opressão e desigualdade presentes em nossa sociedade. Sobre isso, Osório assevera:

Continuaremos a pesquisa ação na instituição e investigaremos outras nuances que envolvam o diálogo, motivados de que ainda há muito a ser encontrado, analisado e escrito, sobre a troca de saberes intergeracionais. Além de que tais informações serão úteis para fomentar outras ações e as reflexões de instituições que buscam promover ações de correlação do saber tradicional com a ciência moderna, da autonomia desde a infância e do respeito aos mais velhos como sujeitos de múltiplas dimensões (OSÓRIO et al, 2022, p. 15).

Caminhar que seguimos Moacir Gadotti (2014, 2018), um dos discípulos de Paulo Freire que contribuiu significativamente para a reflexão sobre extensão universitária, gestão democrática e a educação com a participação popular de pessoas de qualquer idade. Vêm de seus escritos as reiteradas vezes em que usamos a palavra “diálogo”, quando queremos destacar os momentos de troca e aprendizado

mútuo que constatamos nas relações intergeracionais entre crianças do CMEI João e Maria e velhos da UMA/UFT.

Suzana Villas-Boas (2016) é outra autora que colaborou em nosso trabalho, pois suas obras abordam a importância da educação intergeracional dentro do contexto mais amplo da educação ao longo da vida, e são referências de como as interações entre crianças e velhos trazem benefícios mútuos em momentos de trocas de experiências, aprendizagens e conhecimentos. Junto com Ferrigno (2015), ela nos ajuda a compreender os desafios intergeracionais, sociais e pedagógicos e a enfatizar a importância de superar estereótipos e preconceitos relacionados à idade, nos auxiliam na percepção dos relatos que estudamos, de como acontece o processo de construção mútua do respeito entre as diferentes gerações.

Um deles envolve o conceito de velhice, escrito por Simone de Beauvoir (1990), pois ao trazer, de forma profunda e provocativa, reflexões que envolvem o envelhecimento e a velhice humana, a autora explora as questões sociais, culturais e pessoais relacionadas ao processo de envelhecimento, e nos ajudou a perceber o papel e a representação dos velhos na sociedade contemporânea. Além disso, ela é outra referência que nos auxilia a questionar os estereótipos e preconceitos associados à velhice, ao destacar a importância de uma abordagem mais ampla e humanizada desse estágio da vida.

Por fim, reconhecemos que o trabalho não se finda, pois ainda existem desafios entre as gerações, que tendem a aumentar diante do aumento da longevidade. Assunto que é tema das produções de José Carlos Ferrigno (2005, 2015). Ao passo que, junto ao autor, assim como Beauvoir (1990), Gadotti (2014, 2018), Villas-Boas (2016), Paulo Freire (2014, 2018), e outros citados aqui, compreendermos a importância da educação de velhos, promovida por meio da interação e do aprendizado mútuo entre diferentes gerações; e conseguimos superar estereótipos que atrapalham análises sobre os espaços educativos que insistem em manter práticas educativas de diálogo, troca de conhecimentos e experiências entre crianças e velhos.

3.2 Educação de Crianças

Nesta parte do trabalho, nossa fundamentação teórica (Tabela 4) volta-se para a educação de crianças, um tema que já é comum nos estudos universitários, presente em muitos trabalhos acadêmicos (OSÓRIO, 2022). Essa supremacia da educação de crianças, em comparação com a educação de velhos é positiva e tem garantido o desenvolvimento integral das crianças nessa fase crucial de suas vidas. Principalmente quando ela acontece com qualidade e envolve a participação familiar no apoio às experiências educativas das crianças.

Nosso interesse, curiosidade e apreço neste trabalho seguem esse caminho. Mas, com passos diferentes, pois ampara-se em um exemplo, prático, dessa busca no Tocantins, quando a UMA/UFT se une ao CMEI João e Maria para juntos adaptarem rotinas e estruturar o cuidar e o educar de crianças pequenas, ao vínculo de práticas educativas com velhos, e, neste processo, respeitar as necessidades individuais de 35 crianças e 7 velhos, reunidos em uma rotina que consiga promover o bem-estar, a segurança e a autonomia (SEMEN- TES DO AMANHÃ, 2022).

Ao final, continuamos a busca por apontamentos que promovam a qualidade na educação de crianças, com o diferencial de que ela pode ser alcançada, quando for intrinsecamente ligada à participação familiar, à adaptação de rotinas, à recepção de pessoas que envelheceram e que desejam continuar suas contribuições, aprendizagens e trocas, por meio de interações e brincadeiras significativas, planejadas e mediadas por intencionalidades pedagógicas, ou seja que respeitem as necessidades e potencialidades da infância, e promovam seu desenvolvimento pleno e saudável dos pequenos.

Tabela 4 - Autores que envolvem a educação de crianças

Tema	Autor (ano)	Palavras-chaves
Qualidade em Educação Infantil	ZABALZA (1998)	Aprendizagem, Ambiente educativo, Avaliação.
Participação Familiar	CÔRREA (2006)	Gestão democrática, Comunidade, Pais e responsáveis.
Adaptação de Rotinas	BARBOSA (2009)	Rotinas, Planejamento, Recursos.
Educação Infantil	DE OLIVEIRA (2014, 2017, 2020)	Fundamentos, Métodos, Docência.
Desenvolvimento Humano	VIGOTSKY (2000)	Pensamento, Linguagem, Interação.
Organização dos Espaços	HORN (2004, 2017)	Tempo, Materiais, Rotinas.
Interações e Brincadeiras	KISHIMOTO (1999)	Brinquedo, Jogos, Regras.
Desafios	SILVA e ROSSETTI-FERREIRA (2000)	Qualificação, Discurso/prática, Recursos.
Normatização	BNCC (2018) e DCNEI (2010)	Base, Currículo, Diretrizes.

Fonte: Fundamentação teórica da autora.

Na etapa de análise de conteúdo dos dados coletados na pesquisa de caráter documental e bibliográfico, lembramos de Miguel Ángel Zabalza (1998), em seus apontamentos a respeito da qualidade na educação voltada para as crianças na primeira infância. Essa referência foi útil para as nossas reflexões sobre o trabalho no CMEI João e Maria, em sua contribuição para a promoção de uma Educação Infantil que leva em consideração tanto os aspectos pedagógicos quanto os aspectos organizacionais e estruturais das instituições que atuam com práticas educativas centradas na criança.

Caminhos que nos levaram aos escritos de Bianca Cristina Côrrea (2006), em produções que apontam para a gestão democrática desses espaços, com a participação de pais e responsáveis, assim como outros parceiros que tenham interesse em colaborar com o trabalho de educação de crianças na primeira infância. Percebemos nas ações do projeto Ecoponto na Escola, que essa premissa pode funcionar quando a parceria família- escola-universidade, explora estratégias e práticas que podem ser adotadas pelas instituições sem altos investimentos financeiros, dentro das rotinas do cotidiano escolar, e com sujeitos que envelheceram, que se valorizam e buscam uma relação de confiança e colaboração com a sociedade.

Ao abordar rotinas na Educação Infantil, buscamos orientações de Maria Carmen Silveira Barbosa (2009). Ao passo que as descobertas divulgadas pela autora revelam conquistas em práticas educativas que mantêm rotinas consistentes e estruturadas nas instituições de Educação Infantil. Essa descoberta é destacada no que lemos nos documentos do CMEI João e Maria em sua parceria com a UMA/UFT, tendo em vista que as rotinas do projeto Ecoponto na Escola proporcionam segurança, previsibilidade e organização; além de auxiliarem no estabelecimento de rotinas e na construção de uma base sólida para o aprendizado e a socialização das crianças e dos velhos. A autora define a rotina como:

[...] uma categoria pedagógica que os responsáveis pela educação infantil estruturam para, a partir dela, desenvolver o trabalho cotidiano nas instituições de educação infantil. As denominações dadas à rotina são diversas: horário, emprego do tempo, sequência de ações, trabalho dos adultos e das crianças, plano diário, rotina diária, jornada, etc. (Barbosa, 2009, p.35).

Neste caminho, os escritos de Zilma de Moraes Ramos de Oliveira (2014, 2017, 2020), nos auxiliaram a compreender os princípios e as abordagens fundamentais na área da Educação Infantil. Além disso, ofereceram embasamento sobre a importância das interações e brincadeiras para o desenvolvimento integral da criança e a necessidade de que essas práticas sejam, também, intergeracionais, mantidas em uma rotina que possa construir vínculos afetivos na relação velho-criança (OSÓRIO, et al, 2022).

A autora destaca a necessidade de uma abordagem pedagógica sensível, que considere as particularidades e necessidades individuais das crianças nessa fase; e constatamos esse cuidado no que está descrito nos relatórios de atividades e outros documentos que descrevem os métodos e estratégias do projeto Ecoponto na Escola, com suas promoções e reflexões sobre as práticas educativas com crianças e velhos (OLIVEIRA, 2023).

Destacamos ainda neste referencial, o papel do jogo e das re-

gras, em seu universo de construção imaginativo, para a criação e o fortalecimento de habilidades socioemocionais que garantam um convívio emocional e social positivo. Como, por exemplo (Imagem 4), o “jogo” que transformou 35 crianças do Pré-Escolar do CMEI João e Maria, em 35 netos; ao mesmo tempo em que os 7 velhos da UMA/UFT, são 7 vovôs; residentes em um Reino que tem como sede a Casa Amarela, e é governado por uma Rainha que “usa coroa e veste um belo vestido cor de rosa” (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022).

Imagem 4 - Desenho de uma criança a respeito do Reino da Casa Amarela



Fonte: CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA (2022).

Universos assim na educação de crianças, com “sabores, cores, sons, aromas” são recomendados nas obras de Horn (2004, 2017), ao abordar a organização dos espaços na Educação Infantil e, assim como De Oliveira (2020), valorizar o brincar e a interação nesses ambientes educativos. Brincadeiras que Tizuco Morchida Kishimoto (1999), esclarece em suas aplicações e diferenças, além de destacar características e funções dos jogos, brinquedos e brincadeiras no contexto educativo. Discursos que se encontram com a prática (SILVA e ROSSETTI-FERREIRA, 2000), no diálogo entre UMA/UFT e CMEI João e Maria, ao abordarem os desafios enfrentados na educação de velhos e na educação de crianças.

Por fim, acreditamos ser salutar citarmos dois documentos normativos dessa etapa da Educação Básica, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), em sua parte da Educação Infantil, e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI, 2010). Tendo em vista que são um conjunto de orientações e diretrizes estabelecidas pelo Ministério da Educação (MEC) para auxiliar práticas educativas que visem promover uma educação de qualidade e adequada às especificidades da primeira infância. Afinal, os dois documentos complementam e valorizam a diversidade cultural e propõe uma abordagem pedagógica que considera as múltiplas linguagens e formas de expressão para as crianças.

Reconhecemos que esta revisão da literatura deve ser complementada e isso fará parte de nosso processo de Educação ao longo da vida. Contudo, acreditamos que ela, além de outras referências que não foram detalhadas aqui, são suficientes para relacionarmos nossas percepções diante do problema de pesquisa que apresentamos, bem como fundamentar nossos resultados. Principalmente por reconhecermos, que os conceitos educacionais são universais e estão intrinsecamente ligados ao conhecimento humano como um todo. Logo, estão em constante movimento, em construção, em crescimento cognitivo, emocional, social e físico.

4 UNIVERSIDADE DA MATURIDADE

4.1 A Casa Amarela

A Universidade da Maturidade possui diferentes características e seus espaços recebem nomes e interpretações em diferentes contextos, a “Casa Amarela” é um deles, comum aos sujeitos que participam das atividades alcançados por esta pesquisa, com foco no principal local das convivências que conhecemos durante o nosso trabalho. Lembramos que o físico segue sentidos abstratos, ou seja, as áreas tridimensionais que enxergamos, possui objetos, substâncias e seres vivos (BAUMAN, 1999). Contudo, não nos ateremos a detalhes do prédio, salas e outros ambientes que compõem a estrutura do universo pesquisado.

Ao afirmarmos o espaço físico (Foto 2) em sentido abstrato, seguimos autores como Bauman (1999), em reflexões sobre o processo de globalização e as relações humanas; para aqui, nos referirmos a oportunidade que temos, enquanto cientistas fenomenológicos, de descrever com liberdade de expressão nossas percepções, ao compartilharmos o sentimento e a experiência subjetiva, quando interpretamos os registros analisados com emoções, criatividade, imaginação e introspecção. De modo que a narrativa apresenta algumas das concepções comuns entre os velhos e as crianças que participaram das atividades e que estão relatadas nos documentos alcançados.

Foto 2 - Crianças e velhos durante a oficina de brinquedos na Casa Amarela



Fonte: CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA (2022).

Intitulamos este tópico de “Casa Amarela”, ao relacionarmos o que alcançamos ao assistirmos ao vídeo “Sementes do Amanhã” (2022), uma das produções das professoras envolvidas no projeto Ecoponto na Escola. Constatamos que esse termo é comum entre as crianças do CMEI João e Maria, quando eles se referem à UMA/UFT. Pois, no vídeo, um aluno intitula a instituição de “Casa Amalela”, um exemplo do que Bagno (2007) pontua como um fenômeno linguístico, comum durante os estágios iniciais do desenvolvimento da fala, conhecido como rotacismo, no qual as crianças pequenas trocam o som “r” pelo som “l”. Neste caminho, descrevemos aqui onde fica e quem mora nesta Casa Amarela.

Pois bem, acreditamos que as crianças nomearem o espaço como a “Casa Amarela”, diante do fato da sede da UMA/UFT ser pintada com predominância da cor amarela. Além disso, os velhos que estudam na instituição vestem uniformes de cor amarela, o que fortalece a influência para o título dado pelas crianças à UMA/UFT. Neste ponto, lembramos de Zilma Ramos de Oliveira (2014), ao escrever sobre a infância e suas perspectivas, pois percebemos que as crianças passaram a imaginar o universo de relações com UMA/UFT conectados com os tons da cor amarela.

No PPP da UMA/UFT (2022), encontramos outras informações sobre o espaço da instituição, com apontamentos para banheiros adaptados, salas de reuniões, brinquedoteca, salas de atendimento individual, academia e auditório que comporta cerca de oitenta pessoas sentadas. Nesse sentido, os ambientes da Casa Amarela desempenham um papel fundamental no desenvolvimento integral de atividades intergeracionais com velhos e crianças, pois conseguem, assim como afirma Osório (2018), proporcionar oportunidades de aprendizagem, interação social, desenvolvimento emocional e ampliação de horizontes.

Essa construção coletiva entre as crianças e velhos que pode ser assistida em alguns dos vídeos que encontramos (Tabela 5), é apontada por pesquisadores como Horn (2004) para o alcance de resultados significativos que envolvam a organização dos materiais e móveis de uma instituição de ensino infantil, pois “a

maneira como os seres humanos ocupam um espaço e como interagem com ele revelam concepções de mundo” (HORN, 2004, p. 15).

Tabela 5 - Vídeos e reportagens com momentos das brincadeiras e interações

Imagem	Conteúdo	Link no Youtube
	<p>Uma criança do CMEI João e Maria explica o projeto com os velhos da UMA/UFT.</p>	<p>https://www.youtube.com/watch?v=0HszVGu09MQ</p>
	<p>Reportagem na TV Jovem Palmas - Rede Record - Velhos da UMA/UFT com crianças do CMEI João e Maria.</p>	<p>https://www.youtube.com/watch?v=zELnNZK0qD8</p>
	<p>Vídeo da Cobra Boiúna com velhos da UMA/UFT e crianças do CMEI João e Maria.</p>	<p>https://www.youtube.com/watch?v=6VR4cryKys</p>
	<p>Depoimentos de velhos da UMA/UFT e de crianças do CMEI João e Maria.</p>	<p>https://www.youtube.com/watch?v=011WbmE6qZA</p>
	<p>Velhos do Grupo de Dança da UMA/UFT em momento de interação e brincadeiras com as crianças do CMEI João e Maria</p>	<p>https://www.youtube.com/watch?v=-80WxAXv2N8</p>

Segundo Nunes Filho (2022), em frente à UMA/UFT é, também, mantido um jardim sensorial. Ou seja, um espaço projetado para estimular os sentidos de forma imersiva e interativa, sombreado por árvores nativas da região do cerrado que farfalham ao vento; com bancos coloridos que se somam a uma variedade de objetos de cores vibrantes e formas interessantes, como, por exemplo, um carrinho de mão e uma bicicleta transformados em vasos de flores; algumas ervas aromáticas plantadas em potes; instrumentos que ampliam os sons naturais; uma pequena fonte de água que imita um chafariz; além de outros equipamentos que oferecem uma variedade de texturas para serem exploradas. Tal rede, torna-se um dos locais da UMA/UFT que potencializa o desenvolvimento cognitivo, emocional e social, ao oportunizar momentos pedagógicos com “sabores, cores, sons e aromas que estimulam os sentidos” (HORN, 2004, p. 17).

Ainda sobre o Jardim Sensorial, descobrimos nos documentos da UMA/UFT (JARDIM SENSORIAL, 2022) que se trata de um projeto intergeracional mantido para momentos de aprendizagem entre os velhos, crianças e outros sujeitos, mediados por atividades realizadas por professores e acadêmicos da Unicatólica, com o propósito de manter na instituição o que Leonardo Boff (1999) chama de um ambiente harmonioso, estimulante e relaxante; pois se torna um espaço onde as crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos desfrutam de uma experiência sensorial, intergeracional e conseguem holisticamente se conectar com a natureza ao seu redor.

Sobre a recepção da Casa Amarela, encontramos descrições de Brito (2023) a respeito de um lugar colorido, com pinturas em grafite que expressam artisticamente a mensagem social da UMA/UFT no atendimento às políticas e ações culturais em prol dos velhos. O prédio público começa em uma sala de recepção, logo após uma porta de vidro, semitransparente, de correr; e ali, nos deparamos com uma mulher já velha, recepcionista, que conseqüe:

“com muita maestria ser o primeiro contato para os visitantes da UMA/UFT; ao orientar as pessoas que chegam ao local e fornecer informações e assistência com boas-vindas. De modo que já temos uma primeira impressão positiva de um lugar em que os velhos são bem-vindos, desde as primeiras informações, orientações e outras responsabilidades que a velha recepcionista faz, dependendo do trabalho e das necessidades da UMA/UFT” (BRITO, 2023, p. 1).

Desse ponto de vista, constatamos o espaço da Casa Amarela como uma instituição apropriada para os velhos, desde sua recepção, ao também oferecer o atendimento de uma profissional velha que consegue garantir conforto e acessibilidade aos que chegam (Tabela 6). Ao passo que, desde este primeiro contato, ao oportunizar o visitante o diálogo com a velhice e conviver com os velhos, a UMA/UFT permite observarmos o fenômeno do envelhecimento humano no contexto da Universidade Federal do Tocantins.

Em nossa análise de dados, os Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento que envolvem a “Casa Amarela” são:

Tabela 6 - Categorias em Eixos Estruturantes da unidade “A Casa Amarela”

Eixos Estruturantes	Descrição	Resultados identificados
Eixo Estruturante 1	Interações	Exploração de movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela.
Eixo Estruturante 2	Brincadeiras	Ampliação de saberes sobre a cultura, em diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.

Fonte: BNCC (2018). Tabela da autora.

Nessa concepção, a Casa Amarela vai além de ser a sede da UMA/UFT e se torna uma referência para pesquisadores do envelhecimento humano que buscam um ponto, lugar ou objeto para ajudar em suas orientações práticas sobre a educação intergeracional com velhos e crianças no contexto universitário. Além de ser facilmente acessível na cidade de Palmas, capital do Estado do Tocantins, e ser reconhecida como um lugar de protagonismo de pessoas velhas (OSÓRIO, 2018).

4.2 A Rainha da Casa Amarela

Como descrevemos, a Casa Amarela é o termo utilizado no universo desta pesquisa para referir-se à UMA/UFT, um espaço público administrado por uma mulher, professora, coordenadora do programa de extensão que se tornou referência em práticas educacionais intergeracionais com crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos (DE SANTANA, 2020). Ela supervisiona as atividades do Projeto Ecoponto na Escola, desenvolvido no CMEI João e Maria, principalmente na gestão de equipe, ao tornar-se a líder dos colaboradores da atividade (NUNES FILHO, OSÓRIO e MACÊDO, 2016). É, portanto, a pessoa que guia, motiva e influencia pesquisadores e professores a desenvolverem práticas educacionais intergeracionais contemplando a interação entre a universidade e a comunidade.

No CMEI João e Maria, constatamos que as crianças vivem essa atuação gerencial da professora coordenadora no universo do “faz de conta” (KISHIMOTO, 1999), ou seja, vivem a recomendação pedagógica da Educação Infantil, com atividades lúdicas em que as crianças utilizam sua imaginação, criam situações e desempenham papéis fictícios (BNCC, 2018). Essa constatação se deu nas anotações de relatórios das professoras, ao afirmarem “as crianças passaram a nomear a professora coordenadora do projeto como uma rainha, que mora em uma Casa Amarela, cheia de vovôs, e que lá tem um ônibus amarelo que carrega os vovôs de camisa amarela para todos os lugares do mundo” (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022, p. 21).

Documentos oficiais da Educação Infantil, como as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNEI, 2010), recomendam esse tipo de atuação, pois são formas de expressão e aprendizado que permitem às crianças explorar o mundo ao seu redor, experimentar diferentes papéis sociais e desenvolver habilidades cognitivas, emocionais e sociais. Além da própria Base Nacional Comum Curricular, ao afirmar:

Por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem. As crianças conhecem e reconhecem as sensações e funções de seu corpo e, com seus gestos e movimentos, identificam suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a consciência sobre o que é seguro e o que pode ser um risco à sua integridade física (BNCC, 2018, p. 41).

Além disso, constatamos que desde o planejamento das atividades do projeto Ecoponto na Escola, a concretização de suas ações e o processo avaliativo contínuo, materializou-se, no âmbito da rotina do CMEI João e Maria, os Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento (Tabela 7). Pois, verificamos o alcance de aprendizagens essenciais que compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências, apontado no relato: “as crianças da turma alcançadas pelo projeto criaram um mundo imaginário, de forma espontânea típico desta fase, que envolvia a UMA/UFT” (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022, p. 23).

De modo que, em nossa análise de dados, os Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento que envolvem a Rainha da Casa Amarela são:

Tabela 7 - Categorias em Eixos Estruturantes da unidade “A Rainha da Casa Amarela”

Eixos Estruturantes	Descrição	Resultados identificados
Eixo Estruturante 1	Interações	Interação de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando acesso a produções culturais.
Eixo Estruturante 2	Brincadeiras	Brincadeiras de diversas formas, utilizando conhecimentos, imaginação, criatividade, experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.

Também nessa perspectiva, Pereira, Osório e Neto (2021), investigaram no universo da UMA/UFT, as trocas de correspondências, como métodos de contar suas histórias, construir laços de amizade, escutar o outro, ser ouvido e interagir. Ao passo que, esta rainha da Casa Amarela a que as crianças se referem, mantém um vínculo de interação com professores, pais e crianças em práticas educativas planejadas para momentos presenciais, na UMA/UFT, ou à distância, por meio da troca de cartas. Metodologia intergeracional que proporciona benefícios e experiências enriquecedoras para ambos os lados, das quais destacamos aqui a conexão e vínculo emocional, que ampliou a aproximação entre as crianças e os adultos envolvidos (PEREIRA; OSÓRIO e NETO, 2021).

Além dessa relação com as crianças, a professora coordenadora orienta os envolvidos no Projeto Ecoponto no desenvolvimento das atividades planejadas, ajustes nas que foram realizadas, na busca de recursos e mobilização da equipe, em prol da execução, monitoramento, resolução de problemas e a comunicação sobre o alcance de objetivos do empreendimento (OSÓRIO, 2022). Vale destacar aqui o apoio à equipe docente do CMEI João e Maria, no suporte e orientação aos professores, com o respeito aos planos de aula, recursos educacionais disponíveis na unidade, desenvolvimento de estratégias de ensino e avaliação, constatado em relatos de reuniões com a coordenadora:

“A coordenadora recomendou que o acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem seguisse o que temos em nossos referenciais pedagógicos, para que o projeto Ecoponto na Escola, viesse a somar com dificuldades e tornar-se uma possível solução na promover de praias educativas entre velhos e crianças, que conseguissem o aprimoramento do ensino e o alcance dos objetivos educacionais da Educação Infantil” (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022, 12).

Essas reflexões podem facilitar a compreensão de algumas

situações do trabalho de educação intergeracional vivenciado nos espaços da UMA/UFT, junto com o CMEI João e Maria (Foto 3), pois segundo Zabalza (1998) e Silva e Rossetti-Ferreira (2000), além dos desafios comuns a todo o sistema educativo, a escola infantil apresenta outros específicos de sua área, que reforçam a identidade e a autonomia formativa, além de ampliar laços de conexão entre escola e sociedade. Isso significa dizer, entre outras coisas, que a “rainha da Casa Amarela” torna-se uma das pessoas que pensam e atuam em prol das relações intergeracionais entre crianças e velhos na cidade de Palmas - TO.

Foto 3 - Momento de construção de brinquedos com a Rainha da Casa Amarela.



Fonte: CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA (2022).

Por fim, e não menos importante, há de se notar no trabalho de educação intergeracional que acontece na UMA/UFT, em parceria com o CMEI João e Maria, um forte engajamento de pessoas que participam do Projeto Ecoponto na Escola; e ao divulgar nesta produção, as características de uma das profissionais envolvidas, conseguimos ampliar a acessibilidade ao perfil de especialistas atuantes em programas extensionistas de relevância social. Complementando esse pensamento, a UMA/UFT, enquanto programa de interação universidade-sociedade, alcança o que aponta De Mello; De Almeida Filho e Ribeiro (2009), como proposta de engajamento de cursos

universitários, de modo a cumprirem o desafio de formar os alunos com uma consciência de sua responsabilidade social em práticas educativas que ampliem o conhecimento adquirido.

4.3 Os vovôs da UMA

Os protagonistas da Casa Amarela, ou seja, da UMA/UFT, são adultos e velhos que estudam o curso “Promotor de Saúde, Educação Intergeracional e Qualidade de Vida”, universitários que buscam conhecimento e se aprofundam no campo da Educação Intergeracional (PPP-UMA/UFT, 2021). São sujeitos que participam de atividades de aprendizado vertical, assim como de forma horizontal entre diferentes gerações; com conexões que aproveitam a diversidade de experiências e perspectivas dos envolvidos (DE ALMEIDA FILHO E RIBEIRO, 2009). Dentre os materiais reunidos, compartilhamos um pouco de como esses vovôs, como são carinhosamente chamados na instituição de Educação Infantil, colaboram com a valorização do conhecimento multidisciplinar no tripé do ensino, da pesquisa e da extensão.

Sobre os acadêmicos da UMA/UFT, referenciamos a descrição das professoras do CMEI João e Maria, quando registram: “Encontramos os participantes do Projeto Ecoponto em diversos locais de Palmas, no mercado, restaurante e parques [...] Um grupo de pessoas geralmente vestidas em uma camiseta amarela, com um sorriso e que oferecem um abraço afetuoso” (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022). Nesse contexto, pessoas que ultrapassam os muros da universidade em seus uniformes, identificadas em outros ambientes coletivos. Postura que promove a descoberta e autodesenvolvimento de velhos que voltam às rotinas escolares e reconhecem a chance de explorar seus interesses acadêmicos e profissionais, além de desenvolver a capacidade de compartilhar responsabilidades e valorizar as ideias (GADOTTI, 2017).

Além dessa identificação em ambientes externos, constatamos nos documentos alcançados que os sujeitos da UMA/UFT são reco-

nhecidos como responsáveis pela imagem da universidade em suas escolhas, ações e resultados. Tendo em vista que demonstram consciência de que são autores de suas histórias e que têm o poder de influenciar outras pessoas (DE MELLO; DE ALMEIDA FILHO e RIBEIRO, 2009). Essa constatação foi alcançada em anotações que referenciam os momentos em que as professoras interagiram com os velhos nos espaços da UMA/UFT, a saber:

“Quando chegamos na Universidade Federal do Tocantins, e buscamos pelo prédio da UMA, já fomos recebidas, desde a descida do carro, com um carinho que excede qualquer estrutura física da instituição. Pois, logo na entrada já visualizamos os grupinhos de velhos, sentados nos bancos e colocando os “papos em dia”, prontos a nos receber, mostrar o espaço, e outras ações de acolhida que comprovam uma interação saudável que acontece dentro de suas rotinas diárias de encontros na UMA/UFT” (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022).

Quando nos referimos à formação dos acadêmicos que estão matriculados na UMA/UFT, encontramos um público variado que envolve “desde aqueles que nunca foram à escola, outros que não concluíram o ensino fundamental, um percentual com o ensino médio incompleto e outro completo, uma pequena parte com graduação em nível superior, especializações e mestrado” (PPP-UMA-UFT, 2021, p. 18). Esses vovôs desenvolvem uma série de atividades propostas pela universidade, com aulas estabelecidas no currículo, permeadas de atividades físicas, culturais e políticas, que abordam conteúdos das áreas de saúde, educação intergeracional e qualidade de vida (Foto 4). Vivências descritas por De Santana (2020) ao publicar as características que levaram a UMA/UFT ao reconhecimento de Tecnologia social educacional para velhos, enquanto uma proposta replicável de inovação e extensão universitária.



Fonte: CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA (2022).

Diante do currículo da UMA/UFT, lembramos de Tadeu (2016), ao apresentar as teorias dos currículos na idealização de documentos de identidade de instituições escolares. Tendo em vista que o currículo da instituição busca garantir a especialização, o multiculturalismo crítico, a interação entre diferentes culturas e concepções das relações de poder (Tabela 8). De modo que os velhos também são convidados a desenvolverem atividades extensionistas em instituições de Educação Básica, parceiras da UMA/UFT, e requisitados para projetos de educação intergeracional, assim como o que apresentamos neste trabalho, o que, a visão pós-crítica de currículo, mantêm a ideia de intencionalidade, influenciadas desde a seleção dos saberes, cultura, etnia e gênero até a própria idade do acadêmico (TADEU, 2016).

Tabela 8 - Categorias em Eixos Estruturantes da unidade “os vovôs da UMA/UFT”

Eixos Estruturantes	Descrição	Resultados identificados
Eixo Estruturante 1	Interações	Convivência entre adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens.
Eixo Estruturante 2	Brincadeiras	Ampliação do conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.

Enfim, os vovôs acadêmicos do curso de extensão constituem parte singular da proposta, imbuída com o ensino e a pesquisa; objetos de estudos na área da Gerontologia, Educação Intergeracional e outras que alcançam o envelhecimento humano e seus respectivos desafios físicos, psicológicos e sociais (OSÓRIO, 2018). Em vista disso, a UMA/UFT é um laboratório de atividades práticas e garante experiências significativas entre diferentes gerações; desde os jovens acadêmicos dos cursos de graduação e pós-graduação, os velhos, bem como as crianças, adolescentes e adultos que acompanham ambos. Todo este sistema articulado, contribui com a missão universitária de desenvolver programas relacionados à educação, saúde, ciências sociais e outras que abordam as políticas públicas para pessoas que envelhecem em Palmas, no Tocantins, no Brasil e no mundo.

5 CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA

5.1 O CMEI do Lobo Guará e das casinhas dos vovôs

Nesta parte do trabalho, apresentamos nossas percepções sobre o CMEI João e Maria, pontuadas em seus documentos e em publicações que envolvem a instituição da Rede Municipal de Palmas, enquanto espaço de brincadeiras e interações com crianças pequenas que cumpre a Constituição de 1988, na parte do reconhecimento da Educação Infantil como dever do Estado com a Educação (DCNEI, 2010). Apontamos que ele recebe o nome de “CMEI do Lobo Guará” diante de um projeto municipal que escolheu mascotes ligados à região (PPP João e Maria, 2021). E priorizamos nesta descrição, a turma do Pré-Escolar que é alcançada pelo projeto Ecoponto na Escola, desenvolvido em parceria com a UM/UFT (OSÓRIO, 2022).

Iniciamos com a descrição dada ao CMEI João e Maria, de autoria das professoras, disponível no relatório que envolve o Projeto Ecoponto na Escola (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO IN-

FANTIL JOÃO E MARIA, 2022). Nesta parte, escrevemos a partir de uma perspectiva pessoal sobre como os profissionais da instituição parceira da UMA/UFT enxergam a atividade extensionista que tem como objetivo levar o conhecimento universitário para além dos muros acadêmicos (ECOPONTO, 2021). Diante da riqueza descritiva e carinhosa que as mesmas o fazem, compilamos na íntegra para permitirmos o maior número de percepções possíveis deste registro (MERLEAU-PONTY, 2018):

Em Palmas, na Quadra 305 Sul, na Rua 3, Área Pública Municipal nº 04 e Quadra Interna nº 10, nos deparamos com um prédio horizontal, com calçada feita com tijolos tipo bloquete; de frente arborizada, com árvores frondosas, nativas do cerrado tocantinense; dentre elas, caju, pequi e aroeira. Nestas árvores estão afixados balanços na altura das crianças, feitos artesanalmente com cordas e madeiras para os pequenos brincarem ao chegar e ao sair. Desde essa visão inicial, percebemos um ambiente acolhedor com vida, emoções, interações e brincadeiras entre adultos e crianças, pois, mesmo cercado por um muro, suas grades são vazadas que permitem enxergarmos o ambiente interno, composto por sua vez, por uma fachada com azulejos coloridos que reforçam a curiosidade e convidam a adentrar. Chegamos ao portão principal e dali já conseguimos enxergar toda a frente interna de um espaço intenso de fortalecimento de práticas pedagógicas desenvolvidas com crianças, pois, mesmo cercado por grades, ele garante a interação de quem chega com quem está lá dentro. Ao entrar pelo portão a primeira parte alcançada é o espaço aberto da frente do CMEI que conta com uma grama verdinha, em seu lado esquerdo um parquinho de madeira construído com a intenção de propiciar os desafios corporais às crianças e várias produções dos pequenos, expostas em fios sobre todo o gramado; já do lado direito, avistamos outro parquinho, este de plástico, na proporção apropriada para as crianças do berçário. Estes equipamentos móveis e coloridos encantam os olhos de quem chega pois são tão pequenos que parecem miniaturas... e deve ser assim, para permitir que as crianças tenham autonomia nas brincadeiras e interações que protagonizam. Seguimos e entramos em um corredor que possui de um lado salas de aulas e do outro salas administrativas, passamos pela cozinha experimental e chegamos ao refeitório com cadeiras e mesas bem pequenas e coloridas, uma decoração no teto tipo móveis de frutas e verduras que balançam à medida que vento alcança aquele lugar (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022, p. 5).

Neste caminho documental encontramos que na inauguração do CMEI João e Maria, em meados de 2018, um projeto da Secretaria Municipal de Educação de Palmas, incentivou Escolas e Cmeis do Município a adotarem mascotes com identidade ecológica do cerrado, de modo que desde o ato de sua inauguração, o CMEI João e Maria recebeu o abrilhantamento de ter o Lobo Guará como mascote (PPP João e Maria, 2021). É dentro desse quadro (Tabela 9), que chama a atenção das crianças para a necessidade de preservação do meio ambiente, ao mesmo tempo que se intensifica o faz de conta com um personagem da fauna do cerrado tocantinense, e lembramos das recomendações de Boff (1999) ao escrever sobre as práticas educativas que envolvem o saber cuidar e a compaixão por elementos da natureza.

Sobre isso, os Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento, alcançados em nossa análise, que envolvem os CMEI do Lobo Guará e das casinhas dos vovôs, são:

Tabela 8 - Categorias em Eixos Estruturantes da unidade “os vovôs da UMA/UFT”

Eixos Estruturantes	Descrição	Resultados identificados
Eixo Estruturante 1	Interações	Convivência entre adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens.
Eixo Estruturante 2	Brincadeiras	Ampliação do conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.

Fonte: BNCC (2018). Tabela da autora.

Pode-se pensar, diante desta realidade, que o CMEI João e Maria trabalham de forma lúdica em suas abordagens do equilíbrio ambiental, com a incorporação de elementos e abordagens que tornam o processo educativo mais envolvente e divertido (DE OLIVEIRA, 2017). Ao mesmo tempo em que destacamos Boff (2012), sobre a necessidade de colaborarmos com pacto que envolve o tripé da sustentabilidade, que aborda quesitos da economia, da ecologia e do

social, ao afirmar que:

A situação atual se encontra, social e ecologicamente, tão degradada que a continuidade da forma de habitar a Terra, de produzir, de distribuir e de consumir, desenvolvida nos últimos séculos, não nos oferece condições de salvar a nossa civilização e, talvez até, a própria espécie humana; daí que imperiosamente se impõe um novo começo, com novos conceitos, novas visões e novos sonhos, não excluídos os instrumentos científicos e técnicos indispensáveis; trata-se sem mais nem menos, de refundar o pacto social entre os humanos e o pacto natural com a natureza e a Mãe Terra. (BOFF, 2012, p. 15).

Além deste pacto com a sustentabilidade percebido na definição de uma mascote para o CMEI João e Maria, constatamos que a narrativa das professoras nos remete a outro desafio da sociedade contemporânea, desde as rotinas da Educação Infantil: as relações com velhos em perspectivas intergeracionais que favoreçam o valor da convivência entre diferentes faixas etárias (BARBOSA, 2009). Seguimos as educadoras:

“Ao passar pelas mesinhas do refeitório chegamos às últimas salas de aula. Uma dessas salas tem um mural intitulado de “Casa da Vovó”, decorado com imagens de velhos que nos remetem a uma memória afetiva de nossos avós. Ao entrar na sala nos deparamos com um ambiente muito colorido, com perucas, fantoches, chapéus, brinquedos, caixas, armários, muitas atividades expostas, mesas e cadeiras organizadas por grupo de seis que dão a impressão de um agrupamento e nos remete a uma forma metodológica de desenvolvimento das atividades desta instituição com prioridade ao contato das crianças entre seus pares” (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022, p. 14).

Ao debruçarmos sobre o projeto Ecoponto na Escola encontramos as descrições de quatro casinhas que fazem parte das rotinas de brincadeiras e interações que acontecem entre crianças e velhos, e intimamente ligadas aos dois conceitos colocados até aqui: a sustentabilidade e a intergeracionalidade. De modo que apresentamos estas quatro estruturas na Imagem 5, construída com as fotos e descrições das respectivas casinhas.

Imagem 5 - Casinhas de coleta seletiva do projeto Eco ponto na Escola no CMEI João e Maria



Fonte: CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA (2022). Arte da autora.

Ainda neste passeio nos espaços do CMEI João e Maria, junto com as professoras que assinam os relatórios do projeto Eco ponto na Escola, concluímos este capítulo ao seguirmos para a parte externa da instituição: “[...] nos deparamos com o parquinho: ilustrado com desenhos de jogos; quadra de areia; balanços; gangorras; jardins; árvores de grande porte; mini cachoeira; e a casinha de João e Maria” (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022, p. 14). Neste cenário, segundo Horn (2017) vislumbramos espaços de brincadeiras e interações que desempenham um papel fundamental no desenvolvimento e bem-estar das crianças; ademais, quanto às possibilidades de relacionamento com os velhos da UMA/UFT, ampliam o que Villas-Boas (2016) chama de desafios pedagógicos da educação intergeracional.

5.2 As crianças e famílias do CMEI João e Maria

Nesta parte do trabalho descrevemos o que observamos no âmbito do CMEI João e Maria a respeito das características das crianças

(DE OLIVEIRA, 2014), que participam do projeto Ecoponto na Escola com os velhos da UMA/UFT. Uma comunidade escolar composta, em sua maioria, por moradores das redondezas da Quadra nº 305, do Plano Diretor Sul da cidade de Palmas, diante do direito de matricular suas crianças perto de suas residências (PPP João e Maria, 2021). Ao passo que desdobramos compreensões de familiares das crianças (CÔRREA, 2006), alcançadas nos relatos das professoras, ou seja, diferentes aspectos e dinâmicas que nos oferecem insights sobre a estrutura e funcionamento dos responsáveis pelos pequenos.

Neste caminho, o desfecho deste capítulo contempla fundamentações teóricas que envolvem a educação intergeracional enquanto processo de troca de conhecimentos, valores e experiências entre membros das composições de uma família (OSÓRIO e SILVA NETO, 2009). Tendo em vista que são composições heterogêneas em diferentes perfis socioeconômicos, com desempregados, servidores públicos (civis e militares), empresários e funcionários da iniciativa privada (PPP João e Maria, 2021).

Constatamos que o público atendido no CMEI João e Maria se constitui de crianças de zero a cinco anos de idade, bem como os seus respectivos familiares, com quatrocentas e noventa e cinco crianças matriculadas, organizadas em quatorze turmas, com a média de trinta e cinco crianças em cada turma; para atendimentos em oito salas de aulas, nos períodos matutino e vespertino. Crianças que recebem um atendimento humanizado referenciados por autores como Horn (2004), quando cita a maneira como os seres humanos ocupam um espaço e como interagem com ele. Afinal é relatado: “um ponto muito forte nas relações entre CMEI e as crianças é o fortalecimento de identidade (Tabela 10). Notamos que as crianças são chamadas pelo nome, pois os servidores conhecem as crianças pelo nome e estamos nos referindo desde o guarda até a diretora da instituição” (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022, p. 21).

Diante desta percepção, em nossa análise de dados, os Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento que envolvem as crianças e famílias do CMEI João e Maria são:

Tabela 10 - Categorias em Eixos Estruturantes da unidade “as crianças e famílias do CMEI João e Maria”

Eixos Estruturantes	Descrição	Resultados identificados
Eixo Estruturante 1	Interações	Conhecimento e construção da identidade pessoal, social e cultural, potencialização da imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento.
Eixo Estruturante 2	Brincadeiras	Brincadeiras com diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar.

Fonte: BNCC (2018). Tabela da autora.

Tais crianças são acompanhadas por quarenta e quatro educadores, distribuídos em perfis de: “professores, monitores de desenvolvimento infantil e cuidadores”, que acompanham as crianças em rotinas diárias (PPP João e Maria, 2021). Profissionais que se preocupam com a necessidade de aproximação com esse público, tendo em vista que é destacado nos documentos que analisamos: “o processo de identificação das crianças é facilitado devido serem, em sua maioria, atendidas na instituição desde o berçário, ou seja, desde o zero anos de idade, até o fechamento do ciclo da pré-escola, que acontece aos cinco anos de idade” (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022, p. 21). Evidenciamos daí uma instituição que alcança o que está posto no Art. 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB):

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. [...] A educação infantil será oferecida em: I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade. (LDB, 1996, Art. 29 e 30)

Neste cenário, encontramos durante a análise de dados (BARDIN, 2011), relatos das professoras que apontam para um atendimento recomendado na legislação brasileira. Assim como descrito por De Oliveira (2020), quando recomenda que as políticas educacionais respeitem as crianças como cidadãos e defendemos tal posicionamento diante do relato de práticas que democratizam e implementam a formação oferecida no CMEI João e Maria. Dentre eles, destacamos:

As crianças e familiares do CMEI João e Maria são recebidas na instituição, no horário de abertura do portão, os servidores da gestão fazem uma espécie de corredor e as famílias e crianças vão passando, e assim, recebidas com beijos, abraços, apertos de mão, saudações de bom dia (ou boa tarde) entre outros gestos que garantem um sentimento de pertencimento ao local. [...] A forma em que a instituição recebe as famílias traz um resultado de reatividade do mesmo modo. Vivemos um sentimento de gratidão por todo o contexto organizacional e de prestação dos serviços públicos nesta instituição que faz com que as famílias se doem como parceiros do trabalho. (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022, p. 21).

Outro apontamento dos Relatórios do Centro Municipal de Educação Infantil João e Maria (2022) que fazemos menção, envolve as características dos familiares e como eles se sentem no processo de atendimento que acontece no CMEI João e Maria (Foto 5), pelo que afirmam as professoras: “o sorriso no rosto das famílias e crianças desde a entrada é um símbolo que retrata uma participação efetiva de pais, mães e responsáveis no acolhimento da instituição em seus caminhos de gestão democrática” (p. 23). Ao passo que, essa participação das famílias garante que o projeto com a UMA/UFT alcance índices de qualidade, pois se tornam agentes que participam da comunidade educacional que devem ter algo com que se comprometer e que se sintam como próprio (SACRISTÁN, 1996).

Foto 5 - Momento da UMA/UFT com as famílias do CMEI João e Maria



Fonte: CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA (2022).

Ao debruçarmos sobre o PPP da instituição, encontramos que tais familiares mantêm “uma parceria rica e desafiadora, pois, na sua grande maioria, estão atentos às rotinas e as práticas educativas desenvolvidas com as crianças” (PPP João e Maria, p. 12). Fato este que aponta para o que Paro (1999, p. 21) chama de “prática de cidadania”, pois quando a escola pública se abre para a participação das famílias pode ser compreendida enquanto prática política, esta entendida como “síntese de direitos e deveres, [como] fundamento da sociedade democrática”.

Constatamos que, além das relações entre as professoras e os velhos da UMA/UFT, as práticas educacionais que envolvem a Educação Intergeracional no CMEI João e Maria (OSÓRIO et al, 2022), contemplam os familiares das crianças em participações na rotina de Educação Infantil ofertadas na unidade; pois as educadoras registram: “recebemos pais, tios, tias e avós em momentos de acompanhamento do desenvolvimento de atividades com as crianças, em reuniões agendadas com a orientadora pedagógica e esporadicamente nas das rotinas pedagógicas” (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022, p. 24). Relações que, segundo Zabalza (1998), garantem por um lado um direito da família e, por outro, uma necessidade da escola e a influência positiva na qualidade do trabalho desenvolvido pela instituição.

Esta dinâmica democrática é referenciada por Côrrea (2006), ao apontar que “mesmo havendo meios institucionalizados de participação e gestão democrática [...] fica evidente a necessidade de se

criar ou aproveitar outros meios e circunstâncias para ampliar a participação das famílias, bem como para que ela se dê mais autônoma” (CÓRREA, 2006, p. 30). No caso em pauta, intencionalidades pedagógicas do projeto Ecoponto na Escola reconhecidas pelas professoras: “a credibilidade do Projeto está vinculada à participação efetiva de familiares nas rotinas que dão aos envolvidos um espaço e lugar de fala [...] fato que amplia ações vinculadas à comunidade e fortaleceu a gestão democrática” (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022, p. 24).

De mais a mais, para encerrar este capítulo, retomamos o que Osório e Silva Neto (2009) pontuam a respeito da Educação intergeracional com crianças pequenas, em possibilidades referenciadas por Sacristán (1996), para a constituição de agentes comprometidos com a Educação. Conceitos que alcançam instituições de Educação Infantil quando estas se abrem para novas possibilidades, assim como fez o CMEI João e Maria, em sua parceria com a UMA/UFT, além de outras maneiras de ocupar e organizar um espaço educativo para intencionalidades pedagógicas (HORN, 2004). Um processo dialógico evidenciado em documentos norteados pela LDB (1996), como, por exemplo, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2010) e autores defensores de práticas de cidadania e democracia no âmbito das escolas públicas (PARO, 1999).

5.3 Brincadeiras e interações no CMEI João e Maria

Nesta parte do trabalho, compartilhamos nossas percepções sobre as rotinas de brincadeiras e interações que acontecem no CMEI João e Maria, envolvendo as crianças da turma do Pré-Escolar, que participa do Projeto Ecoponto na Escola, junto com os velhos da UMA/UFT. E, diante da variedade de atividades, selecionamos uma delas, a da “Cobra Boiúna” (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022), para compreendermos melhor a fundamentação a respeito da importância das brincadeiras no processo de desenvolvimento infantil (Tabela 11). Divulgamos

uma descrição densa de como os velhos foram bem recebidos para participarem da brincadeira com interações entre as crianças de diferentes faixas etárias e professores em trocas intergeracionais de aprendizagens.

Ao analisarmos as trocas que acontecem nas brincadeiras e interações no CMEI João e Maria, com olhar para os Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento, encontramos:

Tabela 11 - Categorias em Eixos Estruturantes da unidade “Brincadeiras e interações no CMEI João e Maria”

Eixos Estruturantes	Descrição	Resultados identificados
Eixo Estruturante 1	Interações	Interação de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando o acesso a produções culturais e conhecimentos.
Eixo Estruturante 2	Brincadeiras	Brincadeiras de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, imaginação, criatividade, experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.

Fonte: BNCC (2018). Tabela da autora.

Constatamos que a rotina das brincadeiras no CMEI João e Maria é bem particular da idade das crianças que a instituição recebe e isso se apresenta nos detalhes de seu planejamento para que os pequenos usufruem de momentos saudáveis e fomentadores de vivências concretas nas suas interações entre os pares. Desse modo, fazemos um recorte da “Cobra Boiúna”, uma brincadeira que faz parte das experiências educativas das crianças da turma do Pré-escolar, uma diversão que envolve o folclore e a literatura brasileira, vivenciados pelas crianças em sua riqueza de inúmeras histórias que são contadas por pessoas de diferentes gerações e, neste contexto, as lendas têm um destaque especial na aceitação das crianças (ZAPPA, 2007).

Neste sentido, é característico das lendas as diferentes versões que se apresentam de região para região e a Cobra Boiúna é um exemplo disso. No CMEI João e Maria ela se apresenta como uma cobra gigante defensora da natureza que passeia pelas escolas de Palmas para brincar com as crianças, ou seja, dentro da instituição, teve uma releitura ampliada, ao fazer parte de momentos de contação de histórias para os pequenos. De Oliveira (2017) é enfática

que esse tipo de prática educativa permeia o mundo da brincadeira e promove o faz de conta, afinal, trata-se de uma atividade lúdica em que as crianças assumem diferentes papéis (Foto 6).

Foto 6 - Momento de brincadeiras entre crianças e velhos



Fonte: CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA (2022).

A partir desta configuração, ao confeccionarem a Cobra Boiúna em tecido para “visitar, brincar e interagir com as crianças e velhos”; as professoras materializaram a lenda e desempenharam um papel fundamental na educação e no desenvolvimento infantil, pois enriqueceram a experiência de aprendizado e trouxeram elementos criativos e culturais para a sala de aula (HORN, 2004). Esta personagem é descrita nos documentos alcançados:

uma cobra gigante, que visita a instituição em uma rotina semanal, para brincar com as crianças. Ela possui uma boca bem grande, em medida que as crianças conseguem passar por dentro, os olhos são feitos com garrafas pet, avermelhados e representam chamas de fogo, seu corpo tem seis metros de comprimento e três metros de largura, ou seja, é uma indumentária que representa o seu corpo, e consegue engolir muitas crianças da turma, de uma só vez. (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022)

Ao lançar o olhar sobre a brincadeira observamos que as crianças e os velhos, espontaneamente, “se deixam engolir” ao entrarem pela grande boca da Boiúna, e depois de estarem acomodadas passeiam pela escola, imitando o movimento serpentino da cobra. Notadamente aparece neste recorte os “Eixos Norteadores para a Educação Infantil”, presentes nas práticas educativas da instituição o que transforma as vivências próprias dessa idade, em momentos de promoção dos “Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento” das crianças pequenas, além do fortalecimento da identidade ao imprimirem suas marcas mais singulares nas atividades educativas que desenvolvem (BNCC, 2018).

Na Foto 7 (abaixo), podemos observar a brincadeira com a cobra de pano, e percebemos um momento divertido e imaginativo em que as crianças e os velhos podem interagir com um boneco de cobra feito de tecido:

Foto 7 - Momento de interação e brincadeira com a “Cobra Boiúna”



Fonte: CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA (2022).

Nesta interface, as brincadeiras e as interações motivadas pela presença da “Cobra Boiúna” potencializam o contato entre crianças e crianças, crianças e velhos, crianças e os espaços, e crianças e objetos, o que facilita uma vivência concreta das brincadeiras. Aqui

recorremos a Kishimoto (1999), quando pontua sobre a importância do planejamento do professor nas brincadeiras da Educação Infantil para dar intencionalidades educativas às ações. Ela ainda argumenta que:

É de grande valor social, oferecer inúmeras possibilidades educacionais, pois favorece o desenvolvimento corporal, estimula a vida psíquica e a inteligência, contribui para a adaptação ao grupo, preparando a criança para viver em sociedade, participando e questionando os pressupostos das relações sociais tais como estão postos. (KISHIMOTO, 1999 p. 26).

Zilma Ramos de Oliveira (2020), renomada pesquisadora das brincadeiras na Educação Infantil, recomenda práticas pedagógicas neste contexto, pois acredita que é uma forma espontânea da criança de interagir, expressar, e construir conhecimentos. De modo que, as brincadeiras ultrapassam a simples diversão, pois quando as crianças e os velhos brincam exploram o meio ao seu redor e vivenciam diferentes papéis, constituindo-se como partes integrantes do processo educacional intergeracional vivido. O que ela fala é perceptível na brincadeira com a “Cobra Boiúna” pois vivem um ambiente imaginário e criam uma perspectiva de serem, naquele momento, a cobra propriamente dita.

Fica evidenciado que as interações com a “Cobra Boiúna” proporciona oportunidades de vivências com as crianças pequenas e os velhos, que vão desde a apreciação do folclore brasileiro, o envolvimento com a fauna, a preservação da cultura e da identidade, a valorização da localidade, e o estímulo à sensibilização para as questões ambientais. E aqui nos recordamos de Vigotsky (2000), em seu conceito de construção do pensamento e da linguagem, assim como dos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento pontuados pela BNCC (2018) ao:

assegurarem, na Educação Infantil, as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural. (BNCC, 2018, p. 38).

Em suma, os documentos apontam que a “Cobra Boiúna” garante interações entre as crianças e os velhos que dinamizam momentos de vivências, sensações, percepções e aprendizagens (MERLEAU-PONTY, 2018). Além disso, em triangulação com Kishimoto (1999), Vigotsky (2000), Zappa (2007) e De Oliveira (2020), enaltece o folclore e a literatura brasileira em sua diversidade amazonense, por meio de estratégias educativas que permeiam as interações e brincadeiras na Educação Infantil e na Educação Intergeracional, e oferecem oportunidades de construções do pensamento e da linguagem com conquistas que alcançam o desenvolvimento corporal, cognitivo, social, cultural.

6 UMA e CMEI João e Maria em prol da Educação Intergeracional

6.1 Projeto Ecoponto na Escola - inovação e sustentabilidade na Amazônia Legal

Nesta parte do trabalho, compartilhamos os resultados que envolvem as características democráticas (CÔRREA, 2006) do Projeto Ecoponto na Escola (Foto 8), em sua versão construída a partir da parceria institucional entre uma Universidade (UMA/UFT), uma Organização Não Governamental (ONG) e um Centro de Educação Infantil (CMEI João e Maria). Ao passo que destacamos neste capítulo as evidências que alcançamos em nossa análise voltadas ao planejamento participativo e democrático que é necessário para o sucesso de PPPs, projetos escolares e parcerias institucionais (VASCONCELLOS, 2017).



Fonte: CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA (2022).

Aqui também descrevemos um pouco sobre a relação intergeracional que acontece nas nomenclaturas de equipamentos do Projeto Eco ponto na Escola, no âmbito do CMEI João e Maria (Tabela 12), ao continuarmos nosso discurso argumentativo sobre a ligação teórica e prática que existe entre as quatro casinhas e o universo da educação infantil, com o objetivo de promover o desenvolvimento integral da criança, considerando suas dimensões físicas, emocionais, sociais e cognitivas (DE OLIVEIRA, 2017). Essa estrutura elementar que nossa demonstração possui envolve a parte das rotinas de brincadeiras e interações, nomeadas como “casinhas dos vovôs” por estarem ligadas ao universo afetivo que envolve o vínculo, o carinho e o respeito aos “vovôs e vovós da UMA”. (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022).

Diante disso, o Quadro de Categorias, em nossa análise de dados, os Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento que envolvem o projeto Eco ponto na Escola são:

Tabela 12 - Categorias em Eixos Estruturantes da unidade “Projeto Eco ponto na Escola”

Eixos Estruturantes	Descrição	Resultados identificados
Eixo Estruturante 1	Interações	Exploração de movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela.
Eixo Estruturante 2	Brincadeiras	Ampliação de saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.

O projeto Eco ponto na Escola é uma experiência coletiva, com princípio educativo de intervenção social, com estratégias pedagógicas que promovem a teoria e a prática na participação cidadã, ao incentivar ações de cidadania no viés da sustentabilidade (NUNES FILHO, OSÓRIO e MACÊDO, 2016). Como ressalta, o documento de apresentação do mesmo é um projeto de educação ambiental que aborda a coleta seletiva em parceria com cooperativas de reciclagem. É idealizado pelo Instituto de Desenvolvimento Ambiental e Humano da Região Amazônica (IDAHRA), uma Organização Não Governamental (ONG) que foi fundada em 2010. (IDAHRA, 2021).

A proposta da ONG é desenvolver o projeto Eco ponto na Escola em escolas públicas e privadas com ações voltadas para a coleta seletiva e outras práticas de sustentabilidade ambiental. Compreende, naturalmente, os espaços educativos do CMEI João e Maria, em suas abordagens educacionais críticas de sensibilização ambiental, pois: “é um lugar de proteção e conservação do meio ambiente, por meio de atividades educativas, exploração de espaços naturais, jardinagem, observação da vida selvagem, estudo de diferentes ecossistemas e reciclagem” (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022, p. 24). Nessa perspectiva ganha especial significado a participação dos velhos que fazem o curso “Promotor de Saúde, Educação Intergeracional e Qualidade de Vida” em atividades comuns firmadas na parceria com a UMA/UFT, envoltas no universo da Educação Intergeracional (OSÓRIO et al, 2022).

Essa relação é um componente essencial deste estudo, tendo em vista que as próprias professoras relatam:

Foi nesta proposta de levar o projeto para as escolas que o Centro Municipal de Educação Infantil João e Maria fechou uma parceria com a UMA e o IDHARA, para contemplar crianças de duas turmas da Pré-escola. Assim, em uma reunião com o presidente da ONG, selaram um compromisso de efetivar as ações, agora em uma realidade de Educação Infantil. Nestes encaminhamentos os envolvidos planejam uma nova roupagem para o projeto de forma a adequá-lo para uma nova etapa da Educação Básica. (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022, p. 25)

Constatamos que a partir do acordo, as equipes pedagógicas das duas instituições passam a dedicar tempo na organização de vivências concretas de coleta seletiva, adaptadas à realidade escolar, alcançável e compreensível para crianças pequenas; um trabalho recomendado por Ostetto (2000), para que as atividades tenham a criança em foco ao partilharem experiências pedagógicas. Depois disso, a comunidade foi chamada para discutir a proposta e fazer alterações que julgassem necessárias, tendo em vista que a abordagem passou a envolver objetivos e diretrizes do PPP do CMEI João e Maria, assim como do PPP da UMA/UFT, e requereu adaptações de forma participativa, para refletir a identidade da escola em suas concepções, valores e princípios, além das metas e estratégias para o desenvolvimento (VASCONCELLOS, 2017).

Antunes (2002) chama empreendimentos como este de novas formas de ensinar e aprender, pois quando se pensa em espaços de aprendizagem, busca-se uma mudança relativamente permanente no comportamento do aprendente, que resulta da experiência. Assim, verificamos em nossas análises (BARDIN, 2011) que a equipe pedagógica consegue associar o aprendizado ao ensino e faz uso do Projeto Ecoponto na Escola para ampliar as tarefas além de seus muros. Nesse contexto, a comunidade assumiu a responsabilidade de enviar para o CMEI João e Maria os resíduos sólidos que pudessem ser reciclados, após um tratamento recomendável para o processo. Nesse sentido, iniciaram a execução das atividades previstas ainda no ambiente familiar, conforme apresentado na Tabela 13.

Tabela 13 - Recomendações para organização dos resíduos para reciclagem

RECOMENDAÇÃO 1	RECOMENDAÇÃO 2	RECOMENDAÇÃO 3	RECOMENDAÇÃO 4	RECOMENDAÇÃO 5
Tente retirar o máximo de resíduo sem utilizar água, mas caso não haja opção e você tenha que lavar, faça uso de água reaproveitada, como a da louça, por exemplo;	Em garrafas plásticas, de vidro e embalagens, coloque um pouco de água, chacoalhe e despeje o conteúdo. Isso será suficiente;	Embalagens de produtos que deixam bastante resíduos como de maionese, manteiga e leite condensado, podem ser colocadas na pia enquanto você lava a louça, reaproveitando assim a água e o sabão utilizados na lavagem dos demais utensílios;	Embalagens feitas com papel como as caixas de pizza, por exemplo, devem ser separadas. As partes que estiverem limpas devem ser direcionadas à reciclagem, as que estiverem sujas não. Lembre-se que guardanapos e papel higiênico, ainda que limpos, não são recicláveis;	Não é necessário lavar todas as embalagens direcionadas ao descarte. Alguns exemplos delas as embalagens de grãos (arroz, feijão, etc.) e as materiais de limpeza domésticos.

Fonte: BEEGREEN (2023). Adaptado pela Autora.

Após esse primeiro tratamento, as crianças trazem o material para o CMEI João e Maria e os depositam em coletores para futuras brincadeiras com os velhos da UMA/UFT. Tais recipientes estão dispostos em uma área coberta, ligada à sala de aula, dos quais: “as crianças e os velhos já estão adaptados uns com os outros e com a rotina de separação dos resíduos sólidos, depositados nas casinhas de coleta seletiva” (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022, p. 24). Sobre esse momento destacamos Vigotsky (2000), ao enfatizar a importância da interação para fortalecer a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), teoria e prática que são descritas em brincadeiras colaborativas, assim apresentadas:

Essas quatro casinhas foram feitas com caixas de papelão de ar-condicionado, com cerca de um metro quadrado; foram pensadas, personalizadas e construídas coletivamente para serem os coletores dos resíduos que as famílias e as crianças traziam para o CMEI. Cada uma foi confeccionada em uma cor (verde, vermelha, amarela e azul), para receberem um tipo de material reciclável (vidro, plástico, metal e papel). Além de envolver o universo infantil correlacionado com a realidade da fauna do cerrado tocantinense; principalmente um que animal que eles conhecem no dia a dia. (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022, p. 26).

Na Tabela 14, reunimos quatro fotos, disponibilizadas pelas professoras, para ilustrarem a descrição deste momento de brincadeiras e interações que acontece na rotina das “quatro casinhas dos vovôs” do Projeto Ecoponto na Escola. A construção dessa tabela é referenciada por Lakatos e Marconi (2003), com técnica comum na elaboração de trabalhos científicos e pode ser encontrada em diversas áreas de estudo. Além disso, julgamos ser um recurso essencial para divulgarmos as boas práticas que identificamos na análise (BARDIN, 2011).

Tabela 14 - Casinhas dos Vovôs (recipientes de coleta seletiva do Projeto EcoPONTO na Escola)

FOTO	DESCRIÇÃO
	<p>O coletor de cor vermelha é a “casinha da Vovó Joaninha”, “moradora responsável por receber e cuidar dos plásticos”. A joaninha é um dos insetos que as crianças possuem contato nas rotinas que envolvem atividades no jardim do CMEI João e Maria. De modo que, aqui, se respeita a imaginação e o faz de conta, tão peculiar do universo infantil, quando traz o imaginário para o concreto nas suas rotinas de brincadeiras e interações. Esta casinha é o coletor destinado aos resíduos de plásticos que as famílias e crianças trazem para a instituição.</p>
	<p>O coletor de cor amarela é a “casinha da Vovó Lobo Guará”, “morador responsável por receber e cuidar dos metais”. O Lobo Guará é a animal “mascote da instituição”, que fica estampado nas paredes do CMEI João e Maria, em grandes painéis que decoram os corredores. Esse animal se torna familiar das crianças uma vez que elas vivenciam momentos de observação e contação de histórias envolvendo os painéis, que retratam o ciclo de vida desde o nascimento, alimentação e características físicas do animal.</p>
	<p>O coletor de cor verde é a “casinha da Vovó Iguana”, “moradora responsável por receber e cuidar dos vidros”. Outra “residência” de sucesso, pois existem iguanas que passeiam pelo parque do CMEI João e Maria rotineiramente. Trata-se de uma família de iguanas (o pai, a mãe e dois filhotes), que “visitam as crianças, quando estão brincando no parquinho”. Destacamos que os iguanas já estão acostumados com as crianças, e ficam em árvores, sobre as crianças, e, de vez em quando, descem para a grama e ficam mais próximas dos pequenos. De modo que, essa interação envolve “observações, passeios, chás, conversas...” e outras brincadeiras com as crianças.</p>
	<p>O coletor de cor azul é a “casinha da Vovó Arara Azul”, “moradora que recebe e cuida dos papéis”. A Arara Azul é uma ave presente na fauna do cerrado tocaninense, que também faz parte do dia a dia das crianças, pois, sobrevoa e pousa frequentemente nas árvores que cobrem o parquinho do CMEI João e Maria. Outra personagem do universo de educação ambiental que inspira, especialmente as crianças, ao terem a oportunidade de conhecerem de perto essa ave magnífica, de nossa biodiversidade.</p>

Fonte: CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022. Adaptação da Autora

Pelo que foi relatado, o Projeto Ecoponto na Escola é uma das estruturas que permitem à comunidade do CMEI João e Maria e da UMA/UFT alcançarem práticas educativas democráticas de acordo com as missões das instituições envolvidas. Um plano construído democraticamente, em conjunto com especialistas, professores e familiares para a realização de ações planejadas e organizadas com o objetivo de alcançar integralmente direitos de desenvolvimento e aprendizagem da Educação Infantil ao permitir o protagonismo das crianças, ao mesmo tempo que contempla a ementa do curso “Promotor de Saúde, Educação Intergeracional e Qualidade de Vida”, da UMA/UFT.

6.2 Turma Casa da Vovó - espaço de descobertas por meio de interações e brincadeiras

Nesta parte do trabalho, conheceremos a “Casa da Vovó”, nome dado à sala de aula da turma do Pré-Escolar, do CMEI João e Maria, local onde se desenvolve o projeto Ecoponto na Escola, com a UMA/UFT. Uma nomeação inspirada pela conquista de uma das professoras, ao vencer o Prêmio Qualidade na Educação Infantil com o projeto Brincando e Aprendendo com o Vovô (MEC, 2004); e fortalecida com a chegada do projeto Ecoponto na Escola em prática educativa de construção de brinquedos com materiais reutilizáveis e trocas intergeracionais entre crianças e velhos da UMA/UFT, ligadas aos conceitos de Educação Infantil e Educação Intergeracional em sua concepção de Educação ao longo da vida (GADOTTI, 2014).

Segundo os Relatórios do Centro Municipal de Educação Infantil João e Maria (2022), no início do ano letivo de 2023 as professoras da turma do Pré-Escolar realizaram uma assembleia com as crianças e escolheram o nome “Casa da vovó” para representar a sala de aula (Tabela 15). Esta atividade envolve a etapa do Projeto Político Pedagógico da instituição e o desmembramento de uma de suas metas, por meio de projeto investigativo (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022). Observamos

que essa escolha é uma abordagem dialógica que envolve um tema ou problema específico, comum às crianças e professoras, tendo em vista que é resultado da interação com as crianças através de perguntas, coletas de informações e formulação de hipóteses (HORN, 2004).

Diante disso, o Quadro de Categorias, em nossa análise de dados, os Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento que envolvem a unidade temática Turma Casa da Vovó são:

Tabela 15 - Categorias em Eixos Estruturantes da unidade “Turma Casa da Vovó”

Eixos Estruturantes	Descrição	Resultados identificados
Eixo Estruturante 1	Interações	Conhecimento e construção da identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento.
Eixo Estruturante 2	Brincadeiras	Brincadeiras em diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens.

Fonte: BNCC (2018). Tabela da autora.

Sobre tal questão, reforçamos a discussão do protagonismo infantil, discutido por Friedmann (2017) e outros autores, pois o projeto possui o propósito de potencializar a participação dos sujeitos envolvidos, promover a reflexão crítica e alcançar a resolução de problemas e conflitos coletivos (Foto 9). Os relatos esclarecem que esta propositura alcança as relações intergeracionais num processo de rememoração das histórias e brincadeiras dos avós das crianças. Isso significa dizer que o nome da sala de aula é escolhido a partir de vivências, contação de histórias e o compartilhamento de brincadeiras com os mais velhos, em rotinas previamente planejadas (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022).



Fonte: CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA (2022).

Neste contexto, a escolha do nome da sala de aula, também é motivada por uma das professoras da turma que desenvolve práticas pedagógicas envolvendo as relações intergeracionais entre velhos e crianças (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022). Esta dialética do ensinar e aprender brincando envolve Oliveira (2004) ao asseverar que a socialização entre crianças e velhos é um elemento crucial para um aprendizado significativo e enriquecedor, ao proporcionar oportunidades valiosas para ambas as partes. Nesta perspectiva, ela diz:

Acreditamos que a socialização entre idosos e crianças contribuiria para um aprendizado significativo e, assim, ambos perceberiam a necessidade de mudanças de atitudes, respeitando e valorizando não só os idosos, mas toda a sociedade. Fazendo valer um dos objetivos propostos pelos Parâmetros Curriculares, que trata de atitudes de respeito pelas diferenças entre as pessoas, respeito esse necessário ao convívio numa sociedade justa. (OLIVEIRA, 2004, p. 120).

Outro ponto digno de nota, é o reconhecimento do projeto Brincando e Aprendendo com o Vovó, por meio da classificação no Prêmio Qualidade na Educação Infantil, enquanto proposta de “divulgação de experiências de professoras e professores que atuam na

Educação Infantil, em creches e pré-escolas públicas, nas diversas regiões brasileiras” (MEC, 2004, p. 5). No âmbito da Educação Básica a proposta se desenvolveu na Escola Municipal Dom Alano, na cidade de Formoso do Araguaia, interior do estado do Tocantins. Nessa coerência entre teoria e prática (Foto 10), o trabalho contempla uma aproximação com os velhos, em acolhidas dos pioneiros da cidade na sala de aula e visitas às suas residências, para “compartilharem histórias e brincadeiras antigas” (OLIVEIRA, 2004, p. 119).

Foto 10 - crianças visitam velhos pioneiros de Formoso do Araguaia



Fonte: ESCOLA MUNICIPAL DOM ALANO (2004).

Esse trabalho é fortalecido com a chegada do projeto Ecoponto na Escola, da Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT), pois as intencionalidades educativas são redesenhadas (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022). Procurou-se manter o pluralismo, os objetivos se fundiram, o planejamento foi redimensionado e fortaleceu o princípio da Educação Intergeracional. Essa relação democrática com participação popular, representada pela presença da UMA/UFT, é referenciada por Gadotti (2014), pois cria um ambiente no qual os cidadãos se engajam ativamente na definição de políticas, no planejamento e na implementação de projetos e programas que afetam suas vidas.

Na Tabela 16 (abaixo) organizamos alguns dos pontos que foram acordados entre as duas instituições que revelam os mecanismos de participação, a criação de espaços, além de canais formais nos quais

os envolvidos contribuem ativamente para o processo de tomada de decisões no âmbito do Projeto Ecoponto na Escola.

Esse trabalho é fortalecido com a chegada do projeto Ecoponto na Escola, da Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT), pois as intencionalidades educativas são redesenhadas (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022). Procurou-se manter o pluralismo, os objetivos se fundiram, o planejamento foi redimensionado e fortaleceu o princípio da Educação Intergeracional. Essa relação democrática com participação popular, representada pela presença da UMA/UFT, é referenciada por Gadotti (2014), pois cria um ambiente no qual os cidadãos se engajam ativamente na definição de políticas, no planejamento e na implementação de projetos e programas que afetam suas vidas.

Na Tabela 16 (abaixo) organizamos alguns dos pontos que foram acordados entre as duas instituições que revelam os mecanismos de participação, a criação de espaços, além de canais formais nos quais os envolvidos contribuem ativamente para o processo de tomada de decisões no âmbito do Projeto Ecoponto na Escola.

Tabela 16 - Objetivos, ideias e acordos entre CMEI João e Maria e UMA/UFT

Objetivo	Ideias	Acordo
Garantir rotinas de interações entre crianças e velhos.	Convidar os avós das crianças e os velhos da UMA/UFT para contarem histórias e construir brinquedos.	Os avós participam de momentos de contação de histórias. Enquanto que os velhos da UMA/UFT, constroem brinquedos com material reciclável.
Promover encontros entre crianças e velhos.	Convidar os avós das crianças e os velhos da UMA/UFT para momentos intergeracionais no CMEI João e Maria.	Os avós participam de rotinas em eventos e projetos específicos. Enquanto que os velhos da UMA/UFT, seguem rotinas semanais.
Sensibilizar crianças e velhos sobre a coleta seletiva.	Promover momentos de interações e brincadeiras entre crianças e velhos, junto com o material reciclável.	Os velhos da UMA/UFT e as crianças separam o material em coletores específicos para metal, papel, plástico e vidro.

Fonte: CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA (2022). Adaptação a Autora.

Esta sumária e rápida excursão sobre o encontro do PPP do CMEI João e Maria e o PPP da UMA/UFT, envoltos na junção do projeto Casa da Vovó e do projeto Ecoponto na Escola, nos reverberam os objetivos da Educação Infantil e da Educação Intergeracional em sua concepção de Educação ao longo da vida. A abordagem entre crianças, professores, familiares e técnicos, enfatiza o diálogo como ferramenta de aprendizado e construção do conhecimento. Ao passo que, reforçamos a discussão do protagonismo de crianças e dos velhos nas relações intergeracionais acerca da conscientização ambiental e da prática de sustentabilidade na comunidade escolar.

6.3 Rotinas de brincadeiras e interações entre velhos e crianças - caminhos possíveis

Nesta parte do trabalho, compartilhamos nossas análises diante dos relatos das professoras que envolvem as rotinas de brincadeiras e interações entre os velhos da UMA/UFT e as crianças do CMEI João e Maria. De modo que descrevemos o processo de formação dos velhos no âmbito da UMA/UFT; assim como a atuação de crianças e velhos no empreendimento. Além disso, divulgamos as percepções das educadoras na realização do projeto Ecoponto na Escola. Para representar essa garantia, citamos:

“Tanto os velhos quanto as crianças aguardam o encontro semanal com ansiedade, este que é o primeiro de um processo que se segue até a construção dos brinquedos e as brincadeiras com os mesmos; momento de separar vidros, metais, papéis e plásticos, depositados nos coletores. Em síntese, juntamos trinta e cinco crianças, oito velhos, dois professores e dois cuidadores para a análise, classificação e separação dos resíduos. Ao passo que se dedicam em uma interação que se torna uma brincadeira prazerosa de “separar o lixo das casinhas dos vovôs” [...] Ainda neste momento selecionam os materiais para a construção dos brinquedos e os da doação aos catadores. (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022, p. 26-27)

Aqui neste ponto, divulgamos nossas percepções na tentativa de

responder à seguinte pergunta: como acontece as brincadeiras e interações entre velhos e crianças no projeto EcoPonto na Escola? Um questionamento desafiador, pois envolve duas dimensões educacionais: a da primeira etapa da Educação Básica, desenvolvida com crianças do CMEI João e Maria; e a da Educação ao longo da vida, com os velhos da UMA/UFT (Foto 11). Dimensões que envolvem o brincar e o interagir como eixos norteadores de intencionalidades pedagógicas (BNCC, 2018), e o respeito aos sujeitos epistêmicos e aprendentes ao longo da vida (GADOTTI, 2014).

Foto 11 - Momento de brincadeira de uma criança e uma velha, com brinquedo que construiram juntos



Fonte: CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA (2022).

À luz dessa perspectiva fenomenológica, o empreendimento sensibiliza crianças, velhos e outros sujeitos, para a realização da coleta seletiva dos resíduos sólidos como etapa do processo de reciclagem. Premissa sustentável e de responsabilidade ambiental como processo pelo qual os resíduos são separados e recolhidos de forma diferenciada, de acordo com sua composição (CASTRO, 2000). Isso significa ir além de normas e regras de separação de resíduos, pois constatamos que a parceira do CMEI João e Maria, com o instituto IDHARA e a UMA/UFT organizam ações que contemplam a ideia de que cada indivíduo têm a responsabilidade de adotar práticas sustentáveis (OLIVEIRA, SOUZA e NUNES FILHO, 2022).

Em nossas análises dos Relatórios do CMEI João e Maria (2022), verificamos que na etapa de formação com os velhos, as professoras levam materiais separados no CMEI João e Maria para os espaços da UMA/UFT, onde constroem brinquedos com resíduos sólidos reutilizáveis, na intencionalidade pedagógica de formação sobre as técnicas que envolvem o brinquedo selecionado (Tabela 17). É sobre esta etapa, que Oliveira, Osório e Brito (2022) apontam algumas das relações intergeracionais que acontecem entre crianças e velhos durante a construção de brinquedos; ao mesmo tempo em que as professoras ajustam e discutem as possibilidades de reutilização de materiais, formatos e procedimentos, de acordo com a realidade e disponibilidade de tempo, espaço e recursos.

Neste caminho, em nossa análise de dados, os Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento que envolvem a unidade temática Rotinas de brincadeiras e interações entre velhos e crianças são:

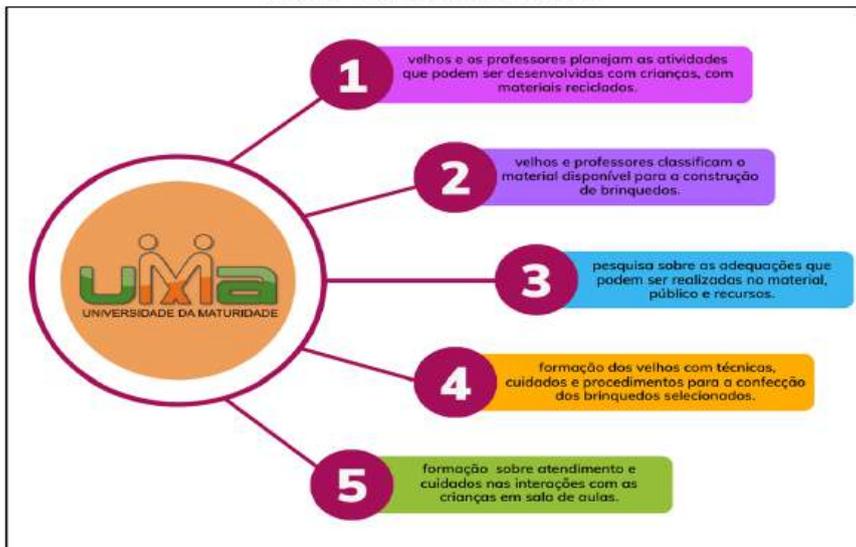
Tabela 17 - Categorias em Eixos Estruturantes da unidade “Rotinas de brincadeiras e interações entre velhos e crianças”

Eixos Estruturantes	Descrição	Resultados identificados
Eixo Estruturante 1	Interações	Participação ativa com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes.
Eixo Estruturante 2	Brincadeiras	Brincadeiras de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando o acesso a produções culturais.

Fonte: BNCC (2018). Tabela da autora.

Segundo Freire (2014), a prática que acontece na formação dos velhos alcança o que ele chama de “prática dialógica”, pois é necessário um diálogo horizontal e recíproco com o respeito mútuo entre os participantes para que as pessoas se tornem sujeitos ativos de seu próprio processo educativo. Para viabilizar essa compreensão construímos a Imagem 6, com as cinco etapas de rotinas que acontecem na UMA/UFT, de acordo com nossas análises dos dados alcançados na pesquisa documental.

Imagem 6 - Etapas de rotinas na UMA/UFT



Fonte: CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA (2022). Arte da autora.

Por se traduzir em articulação com aulas, atividades e oficinas da disciplina “Sustentabilidade em todas as idades”, ministradas nas segundas-feiras, por professores ligados ao Projeto Ecoponto na Escola, nos espaços da UMA/UFT (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022). Conjugamos que os diálogos e vivências são momentos de protagonismo dos velhos, com voz para contribuir no planejamento das estratégias das aulas. Em outras palavras, as professoras valorizam a experiência trazida de sua trajetória de vida e auxiliam nos processos de intencionalidade educativa (BNCC, 2022).

Após conceber as ações de formação, os velhos vão para o CMEI, uma vez por semana, nas quintas-feiras, e fazem uma classificação

do material que foi depositado até aquele dia “nas casinhas dos vovôs” (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022); assim como descrevemos no capítulo anterior. Nessa aplicação, tais “casinhas” são coletores, pensados didaticamente com as cores de quatro grupos da coleta seletiva, nomeados, com nomes de animais do cerrado tocantinense, carinhosamente chamados de “vovôs”. Tais considerações e relatos remetem à Educação Intergeracional, enquanto processo mediado pelas professoras na rotina da turma. A ilustração da Imagem 7 permite-nos visualizar melhor essa rotina:

Imagem 7 - Etapas no CMEI João e Maria



Fonte: CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA (2022). Arte da autora.

De posse desse planejamento em etapas e diante das ações que são realizados regularmente as professoras destacam entre as ações de sensibilização:

“reuniões de pais, entrega de folhetos, exposição de banners, exposição de atividades das crianças na parte externa da sala, produção e apresentação de vídeos, sempre com a participação das crianças, velhos e professores [...] Atividades que demandam dedicação dos envolvidos para assegurar a qualidade das demais propostas que se seguem a estrutura do projeto.” (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022, p. 21)

Neste caminho de envolver a comunidade, destacamos na Imagem 8 um dos banners que fica na entrada no CMEI João e Maria; material utilizado na campanha de adesão dos familiares, para participarem das etapas de planejamento e construção coletiva, além da sensibilização para trazerem os resíduos sólidos higienizados de suas casas (Anexo E). Tais materiais são separados em outros dois grupos: um grupo com materiais que serão utilizados para a confecção de brinquedos; o outro grupo, com materiais que serão doados à associação de catadores.

Imagem 8 - Banner Projeto Ecoponto na Escola

AJUDE O MEIO AMBIENTE

Traga materiais para as nossas casinhas de Coleta Seletiva.

Alguns serão transformados em brinquedos educativos.

Os outros materiais serão doados a Associação de Catadores.

Recomendações: apenas lixo seco; metal, papel, plástico, vidro; limpar o material.

Logos: UME, ECO Ponto na Escola, UFT, UniCátolica

Fonte: CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA (2022).

Notamos que a sensibilização do projeto Ecoponto na Escola surtiram efeitos nas famílias e com outros membros da comunidade escolar. Pois os documentos descrevem a participação efetiva de educadores, pais, responsáveis e parceiros no tratamento e doação de resíduos sólidos para o CMEI João e Maria. Ao passo que essa roti-

na supera as expectativas previstas. Nesse contexto, referenciamos o que Gadotti (2014), divulga como aspectos da gestão democrática com a participação popular, pois as instituições envolvem mecanismos e processos que permitem aos cidadãos, também, a contribuição para a tomada de decisões, desenvolvimento e a avaliação dos resultados.

De modo que chegamos ao momento de construção dos brinquedos. “Uma vivência muito aguardada pelos velhos pois rememoram brinquedos de suas infâncias durante uma atividade concreta com as crianças” (p. 25); ao mesmo tempo em que “as crianças, possuem a companhia dos “vovôs da UMA” e a oportunidade de trocas intergeracionais de carinho, afeto e outras vivências significativas para esta etapa da Educação Básica” (p. 26). Enfim, os documentos mostram que estas interações entre velhos e crianças acontecem com cuidados entre ambos, pois “os velhos cuidam das crianças e as crianças cuidam dos velhos” (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022, p. 31).

Na descrição de culminância, “as atividades são finalizadas nas interações entre velhos e crianças ao brincarem com suas produções no pátio do CMEI João e Maria” (CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA, 2022, p. 33). Ou seja, em estreito alinhamento com as demais etapas, pois ações são combinadas com brincadeiras e interações que utilizam os brinquedos confeccionados com os materiais. Prática educativa referenciada por De Oliveira (2014, 2017, 2020), Horn (2004, 2017) e Kishimoto (1999), ao recomendarem esmero no uso do brinquedo que eles construíram coletivamente, em um processo de intencionalidades educativas, com o protagonismo de velhos e crianças.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso objetivo geral de descrever e compreender as práticas educativas intergeracionais entre os velhos da Universidade da Matuidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT) e as crianças do Centro Municipal de Educação Infantil João e Maria (CMEI João e Maria), enquanto espaços educativos na Amazônia Legal, foi alcançado. Ao passo que estamos convictos de que as relações intergeracionais são essenciais para promover o entendimento mútuo entre crianças e velhos, a valorização das diferentes gerações e a construção de uma sociedade contemporânea mais inclusiva e harmoniosa (Anexo - D).

Nos caminhos deste trabalho a coleta de dados documentais e as análises bibliográficas revelaram que as relações intergeracionais entre os velhos da UMA/UFT e as crianças do CMEI João e Maria permitem desvelar com rigor técnico-científico, os desafios, as barreiras e as potencialidades da Educação Intergeracional, além de fornecerem subsídios para a criação de programas e políticas que promovam a integração entre crianças e velhos em outros contextos e instituições.

Constatamos que é mérito da UMA/UFT promover práticas extensionistas que oportunizem e desenvolvam a Educação ao longo da vida em conexão com a Educação Infantil. De modo que esse empreendimento junto com o CMEI João e Maria alcança a relevância social de estimular a criatividade e contribuir para uma vida mais saudável e feliz de velhos e crianças. Ambos atendidos pelo serviço público: os velhos na Universidade e as crianças no Centro Municipal de Educação Infantil.

Destacamos que essa relação segue dois universos: o acadêmico, com os velhos que estudam na UMA/UFT e o faz-de-conta, com as crianças que estudam no CMEI João e Maria. Tendo em vista a existência documentada de uma “Casa Amarela”, espaço de aprendizagem, interações e brincadeiras entre crianças e velhos. Sentimos o quanto este lugar encantado, deixa de um lado velhos realizados em sua participação e do outro, crianças inspiradas a explorar e compre-

ender o mundo ao seu redor de maneira lúdica e imaginativa.

Encontramos uma gestora deste ambiente encantado que, na figura de autoridade, recebe o título de Rainha da Casa Amarela e sentimos a presença da mulher, mãe, educadora e gestora. Reconhecimento fundamental para reflexões do empoderamento feminino, em sua capacidade de colaborar com o desenvolvimento de uma sociedade equitativa, inclusiva e próspera. Afinal, identificamos nos relatos um fascínio de ambos os sujeitos desta pesquisa, quando as crianças e os velhos descrevem uma mulher sábia, amorosa e respeitada, que coordena a harmonia e a união das diferentes gerações que habitam esse lugar encantado.

Identificamos que a convivência com os vovôs da UMA/UFT é enriquecedora desde a oportunidade de conhecê-los, em seu entusiasmo pela vida, até o interesse inspirador em valorizarmos experiências da vida. Destacamos nessas considerações finais que o convívio das crianças e a valorização dos velhos contribuem para fortalecer o desafio de vencermos os estereótipos negativos de fragilidade e dependência, associados ao envelhecimento humano. Essa conexão intergeracional com vovôs da UMA/UFT é um exemplo de envelhecimento ativo e saudável ao permitir que os velhos sejam agentes de mudança em práticas educativas com crianças.

Examinamos documentos do CMEI João e Maria e concluímos que a instituição promove momentos intergeracionais que envolvem a contação de histórias, com personagens e enredos dos contos infantis, rememoração de brincadeiras e brinquedos, e a sensibilização por uma alimentação saudável com nutrientes adequados. Fizemos destaque para o projeto Ecoponto na Escola, ao trabalhar o meio ambiente e a sustentabilidade e abordamos a coleta seletiva com os mentores velhos, notadamente uma prática educativa que contribui para que as crianças compreendam os recursos naturais, respeitem a natureza e adotem práticas sustentáveis em seu cotidiano.

Neste espaço lúdico-pedagógico-intergeracional, a presença encantada do Lobo Guará e das Casinhas dos Vovôs entrelaçam faz de conta, natureza, sabedoria e afeto; tendo em vista que cada casinha é um espaço frutífero para histórias do universo infantil ganharem

vida em seus pilares da cultura escolar, por meio do encontro entre passado e presente, tradição e inovação. Além disso, essa abordagem contribui para que as crianças e os velhos aprendam, brinquem e se conectem, formando uma rede de afeto e aprendizado que isola preconceitos.

A rede de afeto e aprendizado envolve as famílias das crianças. Pois a análise do conteúdo nos permite compreender que no CMEI João e Maria o diálogo e parceria entre as famílias e os educadores é constante. Sobre isso, os documentos relatam reuniões pedagógicas, encontros individuais e outros espaços de escuta que oportunizam o compartilhar informações, esclarecer dúvidas e construir práticas intergeracionais ainda mais personalizadas e alinhadas aos valores das famílias, dos velhos da UMA/UFT e dos educadores. Afinal, tal vínculo é inevitável e possui como elo as crianças que dependem de respeito, confiança e afeto.

Este elo sólido é alimentado por brincadeiras e interações. Práticas educativas que desempenham um papel fundamental no projeto Ecoponto na Escola, quando os velhos são facilitadores do brincar e oferecem apoio, orientação e estímulo que vai ao encontro da curiosidade das crianças. Processos que encorajam a exploração e criam uma variedade de espaços lúdicos que desenvolvem o ser humano com habilidades motoras, linguagem e cognitivas.

Além das interações diretas, a parceria entre a UMA/UFT e o CMEI João e Maria envolve um projeto colaborativo que tem a oportunidade de compartilhar aprendizados da Educação Superior com eixos estruturantes da Educação Infantil. Ao aplicar seus recursos, conhecimentos e habilidades para enfrentar os desafios e necessidades da comunidade onde está inserida, a UMA/UFT cumpre seu papel como instituição social, tendo em vista que representa a Universidade socialmente relevante, que atua de forma significativa e impactante na sociedade.

O projeto colaborativo que mencionamos é o projeto Ecoponto na Escola. Por meio do qual os alunos, velhos da UMA/UFT, têm a oportunidade de vivenciar na prática os princípios da sustentabilidade; e as crianças do CMEI João e Maria vivenciam a experiência de

práticas de coleta seletiva que desenvolvem habilidades de responsabilidade individual e coletiva em relação ao meio ambiente. Logo, é uma iniciativa de Educação ambiental, transversal aos conteúdos da Educação Infantil, até a Educação Superior, que desenvolvem a consciência ambiental e promovem práticas sustentáveis em diferentes esferas da vida.

Vale destacar as limitações desta pesquisa, tendo em vista que nosso trabalho se voltou para a turma de Pré-Escolar, carinhosamente nomeada de turma Casa da Vovó. Espaço em que 35 crianças são incentivadas a respeitar e valorizar os mais velhos, de forma prática com a presença semanal de 7 vovôs da UMA/UFT. Consequentemente, velhos e crianças aprendem, juntos, brincando, a apreciarem a diversidade geracional e entendem que cada fase da vida traz consigo sabedoria e aprendizados únicos.

A limitação de analisar dados de uma turma, nos remete às possibilidades de trabalhos futuros, que consigam alcançar outras turmas e outras unidades educativas de Palmas, do Tocantins e da Amazônia Legal. Ao passo que esta pesquisa contribui com a comunidade técnico-científica, a partir do momento em que pode ser uma referência de descrição e compreensão fenomenológica de rotinas de planejamento, desenvolvimento e avaliação com brincadeiras e interações entre velhos e crianças. Caminhos possíveis, defendidos em estudos teóricos das Licenciaturas e comprovados na prática do trabalho que investigamos entre velhos da UMA/UFT e crianças do CMEI João e Maria.

Por fim, ressaltamos a necessidade de continuarmos nossos estudos do tema com descrições e compreensões que contemplem entrevistas e depoimentos de pessoas que vivenciaram e colaboraram com as práticas educacionais intergeracionais analisadas. E julgamos que este trabalho é útil para reflexões no contexto multidimensional que abrange sociedade, Estado e currículo, em atividades que ofereçam às crianças momentos de interações e brincadeiras, ao mesmo tempo em que alcancem a subjetividade de velhos em processos de Educação ao longo da vida.

8. REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Indivíduo e biografia na história oral. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6715/1525.pdf> Acesso em: 14 maio 2023.

ANTUNES, Celso. Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Por amor e por força: rotinas na educação infantil. Artmed Editora, 2009.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.

BAUMAN, Zygmunt. Globalização: as consequências humanas. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1999.

BEAUVOIR, Simone de. A Velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BEEGREEN. Marca brasileira que desenvolve produtos e serviços sustentáveis. Quando descartamos os materiais recicláveis sem realizar nenhuma limpeza prévia prejudicamos o processo de reciclagem. Você sabe por quê? Página na Internet: 2023. Disponível em: <https://beegreen.eco.br/por-que-e-importante-limpar-as-embalagens-antes-de-encaminha-las-para-reciclagem/> Acesso em: 15 de mar. 2023.

BNCC. Base Nacional Comum Curricular, parte da Educação Infantil. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2018. BRASIL. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 14 de jun. de 2023.

BOFF, Leonardo. Saber cuidar: Ética do Humano, Compaixão pela

Terra. Petrópolis, Vozes, 1999.

BOFF, Leonardo. Sustentabilidade: o que é – o que não é. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

BRITO, Marlon Santos de Oliveira et al. A sustentabilidade como Itinerário Formativo nos espaços da Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins. *Conjecturas*, v. 22, n. 13, p. 1047-1054, 2022. Disponível em: <http://conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/1682> Acesso em: 14 de jun. de 2023

CASTRO, R. S. de (orgs). *Sociedade e Meio Ambiente: A Educação Ambiental em Debate*. São Paulo: Cortez, 2000.

CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL JOÃO E MARIA. *Relatórios dos professores que atuam no Projeto Ecoporto na Escola, com a Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins*. Centro Municipal de Educação Infantil João e Maria. Secretaria Municipal de Educação de Palmas. Semed: 2022.

CÔRREA, Bianca Cristina. *Gestão democrática e participação familiar no âmbito da Educação Infantil*. *Educação: teoria e prática*: 2006. 14(26), 15-34.

DCNEI, *Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil*. MEC: 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf Acesso em: 27 de abr. 2023

OLIVEIRA, Zilma Moraes R. *Creches: Crianças, faz de conta & Cia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

DE MELLO, Alex Fiúza; DE ALMEIDA FILHO, Naomar; RIBEIRO, Renato Janine. *Por uma universidade socialmente relevante*. *Atos de pesquisa em educação*, v. 4, n. 3, p. 292-302, 2009. Disponível em: <https://bu.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/1718> Acesso em: 14 de maio de 2023.

DE OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. Educação Infantil: fundamentos e métodos. Cortez Editora, 2014.

DE OLIVEIRA, Zilma de Ramos. Jogo de papéis: um olhar para as brincadeiras infantis. Cortez Editora, 2017.

DE OLIVEIRA, Zilma Ramos et al. O trabalho do professor na Educação Infantil. Editora Biruta, 2020.

DE SANTANA, W. V. et al. Tecnologia social educacional para idosos, inovação e extensão universitária. Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 11, p. 85419-85433, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/19413> Acesso em: 12 de abr. 2023

DO NASCIMENTO, Júnio Batista. Processo de emancipação dos municípios do Tocantins. Revista Geonorte, v. 4, n. 12, p. 1648-1662, 2013.

ECOPONTO, Projeto Ecoponto na Escola do IDAHRA - Instituto de Desenvolvimento Ambiental e Humano da Região Amazônica. Arquivo institucional: 2021. Disponível em: <https://transforma.fbb.org.br/tecnologia-social/ecoponto-na-escola> Acesso em: 12 de maio de 2023.

ESCOLA MUNICIPAL DOM ALANO. Dossiê do Projeto Brincando e aprendendo com o vovô. Escola Municipal Dom Alano. Prêmio Qualidade na Educação Infantil. Projetos premiados. SEMEC: 2004.

ELZA BRITO, Elza Pereira de Brito: depoimento [jun. 2023]. Entrevistadora: Nubia Pereira Brito. Formoso do Araguaia: 2023.

FERRIGNO, José Carlos. A co-educação entre as gerações: um desafio da longevidade. Mundo saúde (Impr.), p. 484-490, 2005.

FERRIGNO, José Carlos. Conflito e cooperação entre gerações. Edições Sesc, 2015.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Editora Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da libertação em Paulo Freire. Editora Paz e Terra, 2018.

GADOTTI, Moacir. Extensão universitária: para quê. Instituto Paulo Freire, v. 15, p. 1-18, 2017.

GADOTTI, Moacir. Gestão democrática com participação popular. Acesso em, v. 14, 2014.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HORN, M. G. S. Sabores, Cores, Sons, aromas: a organização dos Espaços na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HORN, Maria da Graça Souza. Brincar e interagir nos espaços da escola infantil. Penso Editora, 2017.

HUSSERL, E. Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica. São Paulo: Idéias & Letras, 2006.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. PNAD Contínua - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. IBGE: 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html> Acesso em: 20 de jun. de 2023.

IDAHRRA, Instituto de Desenvolvimento Ambiental e Humano da Região Amazônica. Projeto Ecoponto na Escola. Arquivo institucional: 2021. Disponível em: <https://transforma.fbb.org.br/tecnologia-social/ecoponto-na-escola> Acesso em: 12 de maio de 2023.

JARDIM SENSORIAL, Projeto institucional da Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins. UMA/UFT: 2022.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. Revista brasileira de história da educação, v. 1, n. 1 [1], p. 9-43, 2001. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749> Acesso em 24 de jun. de 2023.

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 1999.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MEC, Ministério da Educação. Prêmio Qualidade na Educação Infantil. Projetos premiados. MEC/SEB: 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/eduinf/premio2004.pdf> Acesso em: 25 de mar. de 2023.

MELLO, M. B. C. Rastros: Dizendo Sobre os Fazeres/Dizeres. Educação & Sociedade, ano XXII, no 74, p. 285-299, Abril/2001.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. Tradução. Freitas Bastos, Edição Rio de Janeiro: 2018.

MINAYO, Maria Cecília S. Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. 27 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MORIN, Edgar. Ciência com consciência. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

NUNES FILHO, Fernando Afonso et al. Educação Ambiental Intergeracional: a implementação do jardim sensorial Nhonhô Barbosa. Conjecturas, v. 22, n. 13, p. 29-43, 2022.

NUNES FILHO, Fernando Afonso; OSÓRIO, Neila Barbosa; MACÊDO, Chrissy Ferreira. Projeto Ecoponto na Escola, uma experiência de Educação Ambiental intergeracional em escolas públicas de Palmas-TO. REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, p. 237-256, 2016.

OLIVEIRA, N. P. B., OSÓRIO, N. B., SILVA NETO, L. S., SERÁ, E. A. R., BRITO, M. S. de O., SOUZA, M. C. de S., VERAS, L. P. M., & ALMEIDA, F. de S.. Descasque mais na Amazônia! Aprendizagem intergeracional e educação em saúde na Universidade da Maturidade do Tocantins. *Concilium*: 2023, 23(12), 402–411. Disponível em: <https://doi.org/10.53660/CLM-1536-23H52> Acesso em: 30 de jun. de 2023.

OLIVEIRA, Nubia P. B.; SOUZA, Marileide C.; NUNES FILHO, Fernando Afonso. Ecoponto na Escola um projeto de diálogos entre crianças, jovens e idosos que garantem o direito à educação com justiça social In: Reunião Científica Regional ANPEd Norte, 2022, Macapá - AP. Disponível em: <http://anais.anped.org.br/regionais/norte2022> Acesso em: 02 de jun. de 2023.

OLIVEIRA, Nubia Pereira Brito. Brincando e aprendendo com o vovô. in Ricchiero, Ideli e Lopes Magda Patrícia Muller (organizadoras). Prêmio Qualidade na Educação Infantil. Projetos premiados. MEC/SEB: 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/eduinf/premio2004.pdf> Acesso em: 25 de mar. de 2023.

OSÓRIO, N. B; ANDRADE, C.M. Asilo, é possível viver com alegria? Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – Rio Grande do Sul, 2000.

OSÓRIO, N. B. ; SILVA NETO, L.S.S. Universidade da Maturidade. Nossa História. Universidade Federal do Tocantins. UFT: 2021. Disponível em: <http://sites.uft.edu.br/uma/nossa-historia> Acesso em: 20 de fev. 2023.

OSÓRIO, N. B. et. al. A Era dos Avós Contemporâneos na Educação dos Netos e Relações Familiares: Um Estudo de Caso na Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins. *Revista Signos, Lajeado*, ano 39, n. 1, 2018. ISSN 1983-0378 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22410/issn.1983-0378.v39i1a2018.1837> Acesso em: 10 de abr. de 2023.

OSÓRIO, N.B; SILVA NETO, L.S. Interdisciplinaridade na terceira idade: o caso dos avós. São Paulo: Xamã, 2009.

OSÓRIO, Neila Barbosa; OLIVEIRA, Nubia P. Brito; SILVA NETO, Luiz Sinésio; NUNES FILHO, Fernando Afonso; BRITO, Marlon S. O.: OLIVEIRA, Katia Juliane Lopes. Ecoponto na Escola: a Construção de uma parceria transversal entre a Universidade da Maturidade - UMA/UFT e um Centro de Educação Infantil. Atena Editora: 2022. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/post/ecoponto-na-escola-a-construcao-de-uma-parceria-transversal-entre-a-universidade-da-maturidade-umauft-e-um-centro-de-educacao-infantil> Acesso em: 25 de mar. 2023.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco. Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios. Campinas: Papirus, p. 175-200, 2000.

PEREIRA, Silvanis dos Reis Borges; OSÓRIO, Neila Barbosa; SILVA NETO, Luiz Sinésio. Troca de Cartas: Protagonismo do Velho. Humanidades & Inovação, v. 8, n. 68, p. 291-302, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesseinovacao/article/view/2614> Acesso em: 15 de jan. 2023.

PPGE/UFT. Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Tocantins. Apresentação. PPGE/UFT: 2023. Disponível em: <https://ww2.uft.edu.br/index.php/ensino/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/10712-mestrado-em-educacao> Acesso em: 04 de jun. de 2023.

PPP João e Maria. Projeto Político Pedagógico do Centro Municipal de Educação Infantil João e Maria. Secretaria Municipal de Educação. Prefeitura de Palmas. Semec: 2021.

PPP-UMA/UFT. Projeto Político Pedagógico da Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins - UMA/UFT. 2021. Disponível em: <http://sites.uft.edu.br/uma/projetos/> Acesso em: 14 de nov. de 2022.

SACRISTÁN, José Gimeno. Reformas educacionais: utopia, retórica e prática. Escola SA: quem perde e quem ganha no mercado educacional do neoliberalismo. Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores na Educação (CNTE), p. 150-166, 1996.

SEMENTES DO AMANHÃ, Vídeo institucional da Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins. UMA/UFT: 2022.

SILVA, A. P. S.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Desafios atuais da Educação Infantil e da qualificação de seus profissionais: onde o discurso e a prática se encontram? In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23., 2000, Caxambu. Anais... Caxambu: Anped, 2000.

TADEU, Tomaz. S. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Autêntica, 2016.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o Marxismo. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELLOS, Celso S. Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico. São Paulo: Libertad, 2000. Cadernos Pedagógicos do Libertad, v. 1, 2017.

VIGOTSKY, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VILLAS-BOAS, S. et al. A educação intergeracional no quadro da educação ao longo da vida - Desafios intergeracionais, sociais e pedagógicos. Investigar em Educação, v. 2, n. 5, 2016.

ZABALZA, M. A. Qualidade em Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZAPPA, Polyana. Branquinho, Brancão, não tem porta, nem portão. Ângulo, n. 108, p. 36-40, jan./mar. 2007. Disponível em: Acesso em: 15 set. 2007.

